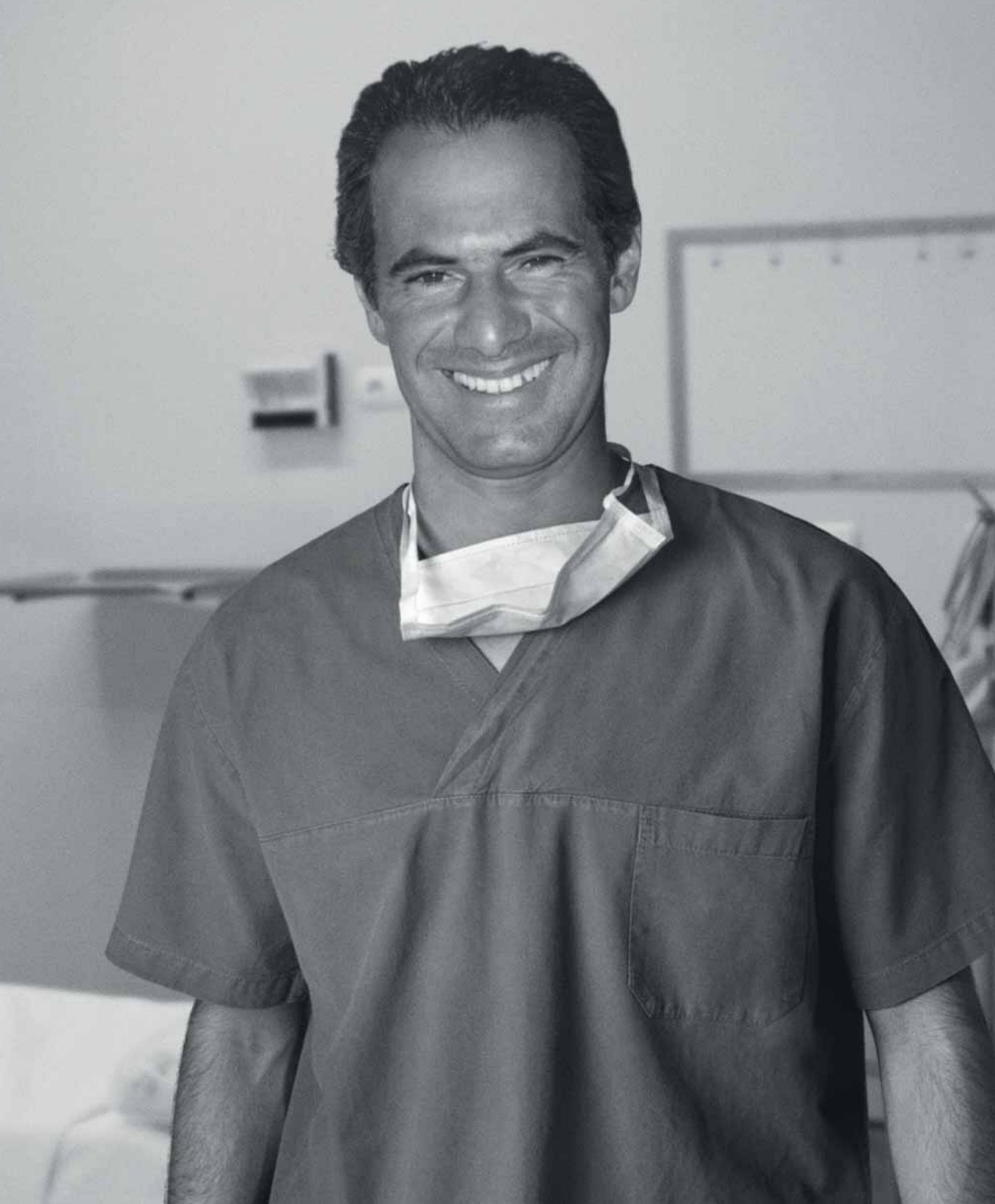


2

GUERRA
COLONIAL
A LONGA
VIAGEM DE
ANTÓNIO
ATÉ AO
SEU FILHO
ANGOLANO

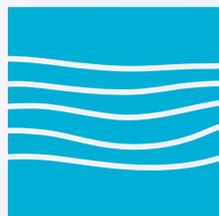






**DR. VÍTOR CORREIA DA SILVA,
14 009
MICROCIRURGIAS
DO OUVIDO
DEPOIS**

Os nossos especialistas mantêm os mesmos traços de curiosidade, rigor e ética. O tempo e a prática deixaram as suas marcas no saber que colocam em tudo o que fazem. É esta experiência que faz toda a diferença.



cuf



**ANOS
DE
SAÚDE**
1945-2015

10

O artista Douglas Fitch conheceu o chef Leonel Pereira, do São Gabriel, no Algarve, e juntos estão a fazer um filme de animação onde a comida é a protagonista



REVISTA 2 ÍNDICE



Allee Willis é autora de vários hits, vencedora de Grammy, anfitriã de festas para a society californiana. Está agora em rotação do filme *The D*, que já tem 55 mil horas e um objectivo, retratar Detroit, a sua cidade natal



BRET HARTMAN/THE WASHINGTON POST

24

06 IMAGEM/PALAVRA

Jorge Almeida Fernandes
Grécia – Quem corta o nó górdio?

Rita Pimenta
Medalhas – Há desporto para além do futebol

09 DIÁRIO DE VHILS

Peça Olhar, de Alexandre Farto

14 QUEM É O FILHO QUE ANTÓNIO DEIXOU NA GUERRA?

A história do furril António Bento, que foi feliz na guerra em Angola e lá deixou um filho – que 40 anos depois quis ir conhecer. E a história de Jorge, um filho que sempre viveu incompleto e que conhece muitos como ele, “filhos do vento” que militares portugueses deixaram para trás na guerra colonial

31 CRÓNICA URBANA

Os reclames luminosos de Lisboa. Por Alexandra Prado Coelho, com Ilustração de Mónica Cid

CRÔNICAS

José Diogo Quintela
Mais depressa se apanha Portugal do que um coche 7

Alexandra Lucas Coelho
Miami, uma estreia 29

Valter Hugo Mãe
Ian Bostridge 30

Daniel Sampaio
As teorias da indisciplina 30

Capa: António Bento e Jorge Paulo Bento: pai e filho vêem-se pela primeira vez em Luena, Angola. Fotografia de Manuel Roberto

FICHA TÉCNICA

Directora Bárbara Reis **Editores** Francisca Gorjão Henriques fgh@publico.pt, Paula Barreiros paula.barreiros@publico.pt **Copydesk** Rita Pimenta **Design** Mark Porter e Simon Esterson **Directora de Arte** Sónia Matos **Designers** Helena Fernandes, Sandra Silva **Email** revista2@publico.pt

Este suplemento faz parte integrante do Público e não pode ser vendido separadamente

UC 725 ANOS

UMA HISTÓRIA DE LUZ

03 JULHO 2015 • PÁTIO DAS ESCOLAS

ENTRADA LIVRE | 22H | 22H30 | 23H | 23H30 | 24H

Espetáculo *Video Mapping* pelo ateliê OCUBO



“UC 725 ANOS: UMA HISTÓRIA DE LUZ” é um espetáculo de multimédia que tem como tela as mais emblemáticas fachadas da Universidade de Coimbra no Pátio das Escolas.

Numa viagem pelo tempo, cujo motor de aventura é o conhecimento, dois estudantes universitários exploram a herança cultural, histórica e arquitetónica da mais antiga universidade portuguesa, cobrindo de luz e magia o Pátio.

O espetáculo vai encher a Torre de imagens dinâmicas virtuais e trazer para o exterior do edifício a biblioteca Joanina que, através de animações 2D/3D e efeitos especiais irá espalhar-se num labirinto imaginário do conhecimento, promovendo o espólio artístico e o património arquitetónico da Universidade classificada como Património Mundial pela UNESCO.

Um evento repleto de momentos mágicos e emoção, imerso num mundo de cor e movimento, em que o público faz parte do espetáculo!

PROJEÇÃO VIDEO MAPPING INTERATIVA • FACHADA DA CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA | ENTRADA LIVRE | DAS 22H À 01H

Numa homenagem à própria cidade onde a mais antiga Universidade do país foi fundada, realiza-se uma instalação *video mapping* interativa projetada sobre a fachada da Câmara Municipal de Coimbra, onde o público pode pintar com a luz e dar cor à fachada.

ORGANIZAÇÃO



PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO



MEDIA PARTNERS



APOIOS



APOIO À DIVULGAÇÃO



MEDALHAS

HÁ DESPORTO PARA ALÉM DO FUTEBOL

Plural de “medalha”, substantivo feminino que significa, entre outras coisas, “chapa metálica, gravada e revestida a ouro, prata ou bronze e que é atribuída, respectivamente, ao primeiro, ao segundo ou ao terceiro prémio de uma competição desportiva, de um concurso ou de um outro certame”. O dicionário dá como exemplo as Olimpíadas (“nos Jogos Olímpicos, todos os atletas aspiram a uma medalha”),

mas nós queremos referir-nos à primeira edição dos Jogos Europeus que decorrem em Bacu (Azerbaijão). Entre seis mil atletas de 50 países, os portugueses conseguiram (até quinta-feira) conquistar seis medalhas: duas de ouro — no taekwondo em -58kg (Rui Bragança) e no ténis de mesa por equipas (Marcos Freitas, Tiago Apolónia e João Geraldo) — e quatro de prata — no triatlo (João Silva), na canoagem em

K1 1000 e 5000 (Fernando Pimenta) e no tiro com pistola de ar comprimido a 10 metros (João Costa). Embora o espaço e tempo mediáticos dedicados ao futebol e até mesmo à cerimónia de apresentação do novo treinador do Benfica tenham sido superiores, os leitores *online* partilharam e comentaram muito mais as vitórias dos atletas nos Europeus. Talvez estejam cansados de “bola”. Exemplo

no site do PÚBLICO no dia 15 de Junho: a notícia “Prata para o canoísta Fernando Pimenta nos Jogos Europeus” foi partilhada por 11.654 leitores, enquanto o texto “Rui Vitória foi apresentado rodeado de troféus mas não quis comprometer-se” obteve apenas 1322 partilhas. “O reverso da medalha” é uma expressão comum que significa “o lado mau de qualquer coisa”. Do desporto, por exemplo. Rita Pimenta



LOUISA GOULIAMAKI/AFP

GRÉCIA

QUEM CORTA O NÓ GÓRDIO?

A crise grega esvaziou as palavras. *Suspense*, jogo à beira do abismo, contagem decrescente já nada querem dizer. Há apenas espera — espera e repetição. Na quinta-feira (dia em que escrevo), decorria mais uma “decisiva” reunião do Eurogrupo sobre a crise grega: a sétima desde Janeiro. O *Le Monde* titulava: “Grécia, dez dias para evitar o pior.” Repetia um título da AFP em 2011.

Quais as datas fatídicas? O *Financial Times* seriava na quarta-feira: 18, 19, 21, 22, 25 e 30 de Junho — derradeira data para pagar ao FMI. No dia 1 de Julho, entra-se em “território desconhecido”. E ainda 20 de Julho: a “definitiva” *deadline*, a do reembolso de dois empréstimos do Banco Central Europeu. O historiador grego Stathis Kalyvas avisa que o desenlace pode demorar até Setembro.

O economista italiano Francesco Giavazzi desespera: “De há cinco anos para cá, a Grécia é o problema que preocupa a Europa: não o trabalho, não a imigração, não a Rússia de Putin mas um país que representa 2% do PIB dos países da união monetária. Seria interessante calcular quantas horas dedicou a Atenas a senhora Merkel nestes cinco anos. Que pensaríamos se descobríssemos que Obama dedicou o mesmo tempo aos problemas do Tennessee, um estado que conta, na federação americana, um pouco mais do que a Grécia na Eurozona? Nestes cinco anos, o mundo mudou, sobretudo no Oriente.”

Que quer Tsipras, interroga-se Kalyvas. Ganhar tempo para obter o melhor acordo? Negociar, mas está amarrado pelo seu partido? É mais um populista no estilo do velho Andreas Papandreou? “Nunca iremos saber o que realmente quer Tsipras”, conclui. O britânico Gideon Rachman sublinha o “comportamento errático” de Tsipras e pergunta: quer Atenas deixar o euro? Calcularão os radicais do Syriza que a opinião pública os seguirá à medida que a crise se intensifique?

O Syriza não tem mandato para uma ruptura com o euro. É muito complicado: “Os gregos votaram ao mesmo tempo para acabar com a austeridade e para permanecer no euro.” As sondagens indicam que a maioria dos gregos quer ficar no euro, mesmo com um “mau acordo”.

E do lado do Eurogrupo? A redução da dívida grega é inevitável. Mas antes ou depois das reformas gregas? Surge entretanto a notícia de que Merkel e Schäuble teriam entrado em colisão sobre a Grécia. Merkel seria sensível ao risco geopolítico (que muito preocupa a América) duma “queda da Grécia” que abra portas ao expansionismo russo nos Balcãs e no Sueste europeu. O pior que pode acontecer é os jogadores enganarem-se sobre os cálculos uns dos outros, o que conduz ao choque e a desfechos “acidentais” que nenhum deseja. À medida que o tempo passa, o risco aumenta. Quem corta o nó górdio? *Jorge Almeida Fernandes*

Yanis Varoufakis, ministro das Finanças, no Parlamento de Atenas, escutando Tsipras, na terça-feira

IMAGEM PALAVRA

JOSÉ DIOGO QUINTELA É MUITO ISTO



MAIS DEPRESSA SE APANHA PORTUGAL DO QUE UM COCHE

Admito que estava céptico em relação ao novo Museu dos Coches. Para mim, não havia justificação para se gastarem 40 milhões de euros num edifício novo, quando o edifício antigo servia perfeitamente. Ainda para mais, com os custos de manutenção a triplicarem para 3,5 milhões de euros por ano.

Mas, sei-o agora, estava errado. Tinha o paradigma todo enviesado. Eu achava que se tinha gasto uma fortuna numa garagem de charretes novas, quando já havia uma garagem de charretes, apenas para dispor melhor as charretes e proporcionar melhores condições de visionamento de charretes aos apreciadores de charretes.

Só que, não. Porque o Novo Museu dos Coches não é um mero novo museu dos coches, é muito mais do que isso. Descobri-o no dia 13 de Junho quando o visitei e o único meio de transporte que pude ver foi o autocarro de turistas estacionado à porta.

É que o museu estava fechado. Eu e os turistas demos com o proverbial nariz na porta (ou com o nariz na proverbial porta, ainda não sei bem). Tudo bem que era uma porta com design moderno, envidraçada, mas, ainda assim, uma porta. E fechada. No meio da porta, uma fotocópia afixada com fita-cola (de design retro, a melhor fotocópia e fita-cola que 3,5 milhões compram):

“Nos termos do disposto no artigo 122.º, n.º 3, da LTFP, aprovada pela Lei n.º 35/2014, de 20 de Junho, e nos artigos 3.º, n.º 3 e 18.º, n.º 2, do Regulamento Geral de Horário de Trabalho, aprovado pelo Despacho 3577/2015 (DR, 2ª Série, n.º 70, de 10 de Abril), do Exmo. Senhor Director-geral da DGPC, os Palácios, Museus e Monumentos estão encerrados ao público nos feriados municipais”.

Qual Camões, qual Fernando Pessoa! O contínuo que redigiu este edital é que é o bardo da portugalidade. Nenhum poeta tem a capacidade de arti-

“

Olhei para os turistas. Queriam visitar antiguidades com 300 anos, mas acabaram por ver regulamentos ainda mais arcaicos

culação de artigos, devidamente referenciados com números de série do Diário da República, só ao alcance de alguns, poucos, funcionários administrativos. Os *Lusíadas* e a *Mensagem* glorificam o nosso país, mas o texto que define Portugal é esta circular. Os portugueses são “aqueles que por obras valerosas / se vão da lei da morte libertando”, mas da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, que é mais poderosa, não se conseguem libertar. Olhei para os turistas. Queriam visitar antiguidades com 300 anos, mas acabaram por ver regulamentos ainda mais arcaicos. Mas não estavam irritados, nem frustrados. Estavam elucidados. Se o museu estivesse aberto, podiam ter visto o landau do regicídio. Depois, podiam ter ido visitar a Torre de Belém, os Jerónimos e o Padrão dos Descobrimentos. E até podiam ter ido ao Museu Nacional de Arte Antiga ver os Painéis de São Vicente. Porém, não iam aprender tanto sobre Portugal como naqueles 30 segundos em que se aperceberam que o museu sumptuoso e recém-inaugurado que tencionavam visitar estava fechado a um Sábado de Junho, com Lisboa cheia de turistas.

Os 40 milhões, uma fortuna para albergar coches, tornam-se uma pechincha, se serviram para explicar Portugal. Valeu a pena o investimento. Até porque o Museu dos Coches junta-se ao grupo dos melhores museus do mundo, museus onde também é difícil entrar. Se bem que nesses é porque as filas são grandes.

IMAGEM PALAVRA

GPS IPHONE DESCANSAR

Pedro
Madeira
Pinto



38°38'34.9"N 9°06'25.1"W
Seixal, Portugal



22°11'49.4"N 113°32'07.7"E
Macau, República Popular da China



FROTA DO BES EVITARÁ GREXIT

O ministro da Economia grego, Yanis Varoufakis, também conhecido como “O Justiceiro Motorizado”, já não vai precisar de se sentar no chão durante as reuniões dramáticas do Syriza com a União Europeia. Tudo graças à boa vontade do povo português, que é hoje um verdadeiro Tio Patinhas que nada em dinheiro guardado em cofres gigantes e que pode salvar a Europa do caos político, económico e social.

A decisão de Portugal resgatar a Grécia surgiu depois de Passos Coelho e Cavaco Silva, também conhecidos como “o primeiro-ministro” e “o Presidente da República”, terem anunciado que estamos preparados para qualquer crise porque temos “provisões financeiras” até ao final do ano e portanto não há problema. Já o mestre de Passos Coelho, o falecido António Borges, garantira em 2008 que a crise do *subprime* americano (esse produto financeiro que era “uma das melhores inovações dos últimos anos”) nunca chegaria à Europa, e é por isso que vivemos há anos um dos maiores períodos de riqueza e crescimento na Europa (fora a Grécia, cuja invenção da democracia europeia foi historicamente exagerada).

No fundo, o salvamento dos gregos começou na corajosa acção das milhares de crianças portuguesas que há quatro anos vão para a escola sem tomar o pequeno-almoço. Agora, as crianças estarão dispostas a oferecer o dinheiro da maçã ou do pêro do almoço da escola para envergonharem os chantagistas dos gregos que só sabem é pedir batatinhas, em vez de pagarem os juros aos agiotas, como foi combinado em Bruxelas.

Mas não só.

Está em marcha a operação *Frota do BES evita Grexit*. É uma das manobras financeiras mais racionais e proveitosas da União Europeia. Ficam

Confisco e arresto para um plano revolucionário? Não é preciso ser especialista em teoria de jogos, como Varoufakis, para se pensar numa saída revolucionária para o impasse europeu. Uma vez que já estamos a nadar em dinheiro, por que não dar aos gregos as sobras do império Espírito Santo?

de fora os espoliados do BES que, com intuídos dolosos, acreditaram na palavra de Cavaco Silva e compraram papel comercial que valia menos do que um rolo higiénico e nada irão receber do “universo Espírito Santo”. A Europa “não pode ceder a chantagens”, como disse Cavaco Silva na Roménia. A única chantagem admissível é um Presidente da República dizer que não dará posse a um governo minoritário saído de eleições.

Mas vamos ao plano. Segundo as autoridades, esta semana foram confiscados pela Justiça os bens móveis dos ex-administradores do BES Ricardo Salgado, Amílcar Moraes Pires e José Manuel Espírito Santo. Os valores ascendiam quinta-feira a cerca de 1,8 mil milhões de euros e upa, upa, sempre a subir. Ora este dinheiro é à justa para a Grécia pagar a próxima tranche à *troika*. E como os portugueses agora estão em crescimento, o que é que custa ajudar (mesmo a quem não merece)? Chegou a altura de provar que o programa de ajustamento da *troika* em Portugal foi perfeito.

Barcos, carros, dinheiro, quadros, ouro e jóias: a lista de bens confiscados aos banqueiros pode seguir já para Atenas e permitirá às finanças gregas respirar. Primeiro, a frota de barcos e navios dos Espírito Santo será talvez comparável à de Onassis, isto é, a Grécia poderá manter intacto um dos principais motores da sua economia e do *glamour*. Ricardo Salgado pode segurar a famosa Grécia dos armadores navais. Quanto à frota de automóveis, Varoufakis pode finalmente arrumar a moto e o blusão de couro, porque o velhinho Mercedes do ex-DDT (Dono Disto Tudo) tem montes de charme *vintage* e chama ainda mais mulheres.

Foi precisamente como parte deste plano de resgate que a mulher de Yanis, a artista plástica Danae Stratou, interrompeu uma sessão de fotos e champanhe na revista grega cor-de-rosa

Karas e veio a Portugal à bienal de Vila Nova de Cerveira. Numa cave da Judiciária em Lisboa, a pintora grega fez uma avaliação secreta das jóias e das obras de arte apreendidas aos Espírito Santo para entregar ao Tesouro grego. Inclui valiosos exemplares:

1 – *Menino da Lágrima* original.

2 – Anel de ouro da Licenciatura em Facilitamento de Miguel Relvas.

3 – Sexta versão (até à data, eram conhecidas cinco) de *O Grito*. Pintada em 1895. Edvard Munch usou como modelo o fundador do grupo, José Maria do Espírito Santo Silva. O pintor norueguês pediu-lhe que pensasse no seu bom-nome e fortuna destruídos à terceira ou quarta geração por um grupo de herdeiros desqualificados e ele levou as mãos à cara.

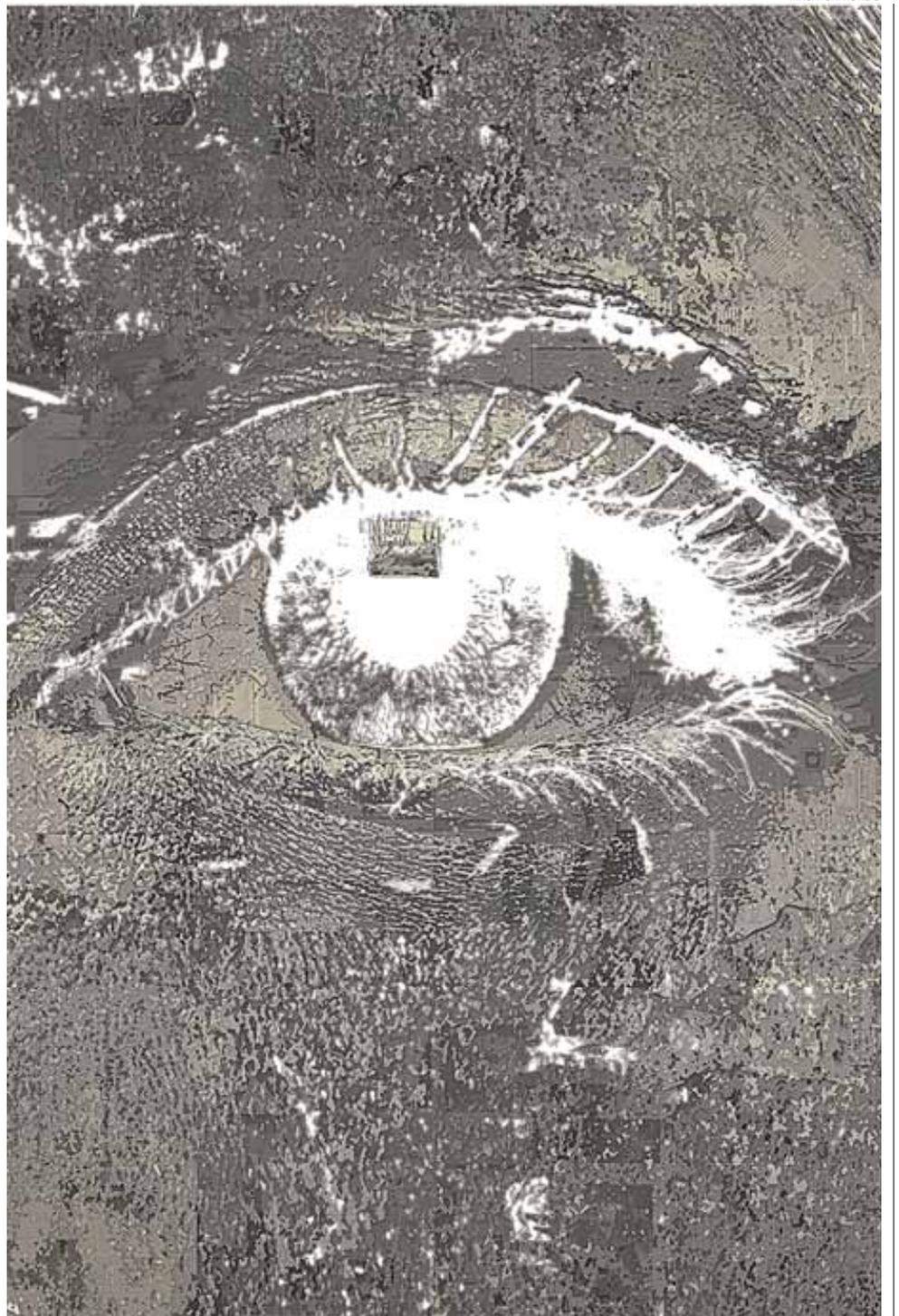
4 – Manuscrito original do romance *Equador*, do compadre de Ricardo Salgado, Miguel Sousa Tavares. Inclui descrição de *zipper* ou fecho *éclair* em berguilha entumescida ainda antes de o sistema de abertura das calças ter sido inventado.

5 – Diamante Azul gigante do *Titanic*, atirado por Kate Winslet (ou a actriz que faz dela em velha) ao Atlântico e supostamente perdido para sempre.

6 – Ídolo de ouro pré-colombiano que Indiana Jones rouba em *Salteadores da Arca Perdida*.

7 – Arca da Aliança (a própria). Incluiu no interior vários espíritos danados de nazis amigos de Ricardo Espírito Santo na II Guerra Mundial, destruídos durante a rodagem do filme de Steven Spielberg.

O dinheiro confiscado, além de salvar a Grécia, Portugal e a Europa, ainda pode sobrar para o salário de Jorge Jesus no Sporting. Espera-se realismo e determinação de Bruxelas na aprovação de um plano de ajustamento da economia grega tão bom ou melhor do que os anteriores.



DIÁRIO DE VHILS UM OLHO DE 25 CORES

Os distúrbios começaram a norte de Paris, em Clichy-sous-Bois, quando dois jovens foram mortos durante uma perseguição policial e um terceiro ficou ferido. Nicolas Sarkozy era então ministro do Interior e depressa viu as ondas de contaminação não só na capital como no resto do país. A capa do PÚBLICO de 7 de Novembro de 2005 foi escolhida por Alexandre Farto (o artista plástico conhecido por Vhils) para integrar a peça *Olhar*, que celebra os 25 anos do PÚBLICO.



Especial
Aniversário
25

VAMOS BRINCAR COM A

Estamos no interior de um filme de animação. O conteúdo de uma arca frigorífica foi despejado em cima de uma mesa e agora, peça a peça, é colocado de forma a compor um quadro hiper-realista. Um peixe, um leitão, uma galinha do campo. Acção. O filme vai começar. Tirada a fotografia, cada ingrediente ganha vida, sai da mesa, cumpre uma função que deixou de ser a de alimento para se transformar em arte.

Onde está a fronteira entre uma coisa e outra? A pergunta surge na sequência de um encontro mais ou menos improvável entre Douglas Fitch, americano, 55 anos, designer, coreógrafo, cenógrafo, realizador de animação, pintor, escultor, e Leonel Pereira, português, 44 anos, *chef* do restaurante São Gabriel, no Algarve, um cozinheiro que diz que a pintura é uma inspiração para o modo como apresenta os seus pratos. Não se conheciam até aceitarem o convite para entrar no projecto Mar e Montanha, uma ideia de André de Quiroga e Nuno Figueiredo, comissários da Trienal de Arte de Alentejo, que convidaram 20 artistas plásticos e 20 cozinheiros para se unirem em duplas e interpretarem 20 produtos gastronómicos do Algarve (o programa pode ser consultado em www.maremontanha-algarve.com).

Antes de escolherem que produto, Douglas Fitch e Leonel Pereira despejaram a arca do restaurante e Fitch decidiu animá-la numa ideia que dá continuidade ao longo trabalho que tem desenvolvido com comida.

Nesta história é preciso agora dar um salto. Do São Gabriel, num dia de Março em Almançil, passamos para Nova Iorque, em finais de Maio. São nove horas da manhã em Sunset Park, uma área que ainda não se tornou proibitiva para os artistas que se mudaram, em fuga dos preços de Manhattan, e assistem agora a idêntica inflação no novo grande bairro das artes e da moda em que Brooklyn se tornou. O estúdio de Douglas Fitch – ou Doug Fitch – fica numa rua de oficinas, armazéns, num antigo edifício industrial que foi dividido em apartamentos para artistas. Fitch ocupa dois, um para trabalhar e outro onde vive e no qual se destaca uma enorme mesa de refeições e uma bancada que não deixa dúvida: naquela casa sabe-se de cozinhados e a comida ocupa muito espaço na cabeça de quem nela mora.

As pinturas nas paredes, os utensílios que se misturam com móveis que parecem retirados das muitas produções que Fitch tem feito com as filarmónicas de Nova Iorque, Londres, Los Angeles, em trabalhos com os maestros Alan Gilbert, James Ross, Leonard Slatkin. Objectos estranhos inspirados em criaturas míticas e um armário que parece uma melancia. No estúdio, no mesmo corredor, há pedaços de cenários, figurinos, uma bicicleta de cidade, uma parede cheia de livros, muitas folhas de papel espalhadas com desenhos. É como se houvesse um percurso natural entre o estúdio, onde as ideias ganham forma, e a casa, onde essas ideias já são memórias e se preservam. Algumas, ao lado do frigorífico. Do conjunto, fica a noção de festa, um banquete, de onde se destacam quadros pendurados que são parte

do trabalho de cerca de 20 anos que Doug Fitch criou com a artista plástica japonesa Mimi Oka. O tema era, justamente, comida.

A MASSA E O PÃO

Doug e Mimi chamaram a esse projecto *Orphic Feasts*, uma reinterpretação de receitas, ingredientes, representações de alimentos ou de rituais ligados à alimentação. Um dos mais emblemáticos de toda a série é a paródia à pintura de Bruegel, *The Land of Cockaigne*, um óleo de 1567 sobre uma terra mítica onde não é preciso trabalhar para conseguir comida, um sítio de abundância e excesso de alimento em contraste com o espírito vazio. No quadro de Doug e Mimi – que imita o estilo de Bruegel –, vemos os dois artistas caricaturados, de barriga cheia, a dormir debaixo de uma árvore, uma mesa farta, alimentos pelo chão, enquanto ao fundo uma criança sobe uma montanha feita de massa de pão. “É o filho de Mimi”, aponta Douglas.

Foi por aí que tudo começou para Fitch, pelo pão. Quando era criança, em Fargo, North Dakota, a avó materna era uma visita regular. “Ela cozinhava muito mal, mas fazia pão”, conta Fitch no tom de quem conta uma história para uma plateia de crianças, sentado numa poltrona rota que veio de um palco. “Sempre que vinha, ela fazia pão”, continua, “e ninguém que eu conhecesse fazia pão. Estávamos nos anos 60 e naquela altura na América as padarias industriais mataram as caseiras; ninguém estava interessado em fazer pão. A ideia era que dava muito trabalho e ninguém queria sa-

ber disso. Ela ensinou-me a amassar o pão. Dá tão pouco trabalho comparado com o divertimento, e depois é tão gratificante. Em poucos minutos, misturam-se os ingredientes e há um bocadinho de exercício físico que sabe bem. No fim aparece aquela coisa fantástica que cheira tão bem e sabe tão bem. Porque não o fazemos mais vezes? Imagine-se que uma cultura inteira fugiu disso!” O espanto de Douglas foi o de quem conheceu um material mágico. “A massa do pão transformava-se. E nas mãos da minha avó e depois nas minhas dava pão. Eu achava aquilo um milagre. Faz sentido que durante séculos as pessoas achassem que era mesmo um milagre”, diz, referindo-se ao milagre bíblico da multiplicação dos pães e ao efeito da levedura. “Ninguém entendia aquilo, parecia vindo dos céus, até que Louis Pasteur, no século XIX, descobriu as partículas de levedura.” É então que Fitch começa a explorar a fronteira entre gastronomia, ou comida, e arte. “O conceito de milagre funciona muito bem na arte. Adoro essa ideia de milagre e de poder descansar nela.”

Começou a fazer pão em criança, continuou a fazer pão e, na faculdade, terminado o terceiro ano em Harvard, decidiu que ia parar. “Acho que não estava muito satisfeito com a minha formação ou educação – gosto mais desta última palavra –, achava-me fechado, que o essencial me estava a escapar e decidi tirar um ano e fazer algo na Europa.”

Enfiou-se na biblioteca da universidade à procura de hipóteses. A ideia de que podia escolher entre tantas possibilidades era fascinante. Foi por ordem alfabética, eliminando



Não é uma piada, mas se fosse Douglas Fitch até acharia graça. O artista americano esteve no restaurante São Gabriel, no Algarve, e inspirado na cozinha do chef Leonel Pereira está a fazer um filme de animação onde a comida é a protagonista. O trabalho insere-se no projecto Mar e Montanha, que quer promover os produtos algarvios numa colaboração entre 20 cozinheiros e 20 artistas plásticos. O filme chama-se Still Life in Motion e continua um longo trabalho de Douglas Fitch com a comida. Em Nova Iorque, tentámos perceber um pouco dessa relação

ISABEL LUCAS EM NOVA IORQUE

FOTOGRAFIAS CORTESIA RODRIGO BETTENCOURT DA CÂMARA E PROJECTO MAR E MONTANHA



letras, mas parou logo no C. “Decidi ir para uma escola de cozinha em Paris. Pareceu-me um projecto óptimo. Porque gostava de fazer pão e gostava de fazer alguma comida e gostava de comer. Achei ainda que era uma boa maneira de ter um plano de refeições porque não queria gastar muito dinheiro em comida. Além disso, se aprendesse a cozinhar correctamente, seria sempre bem-vindo a qualquer casa, para fazer uns *sautés* e assim.” Era o plano. Passou um ano em La Varenne, Paris, e aprendeu mais do que *sautés*.

Voltou a Nova Iorque, terminou a faculdade e uns 12 anos depois encontrou Mimi Oka, uma antiga colega que lhe perguntou o que tinha feito ele no ano em que desapareceu. Contou ainda que em Harvard tinham escrito uma peça de teatro para ele, mas ninguém o encontrou.

Esse encontro com Mimi Oka foi em Los Angeles, e foi por acaso. Mais um acaso fê-los esbarrar um no outro em Tóquio e decidiram então trabalhar juntos depois de descobrirem que ambos tinham lido *The Futurist Cookbook*, descrito como uma das “melhores piadas artísticas do século” e escrito pelo fundador do movimento Futurista, Fillipo Tommaso Marinetti. “O que muitas pessoas não sabem é que Marinetti tinha um restaurante, um sítio experimental, criado a partir da ideia de que a comida é *medium* artístico muito nobre. No futuro iríamos buscar os nossos nutrientes a ondas rádio, o que libertaria a comida ou a ideia de refeição para uma experiência puramente estética. É o que está a acontecer com as nossos amigos no Algarve. É exactamente o que

está a acontecer na cozinha do Leonel. Só não estamos – e acho que isso nunca irá acontecer – a ser alimentados por ondas rádio”, declara Douglas Fitch.

Publicado em 1932, o livro de Marinetti, além de ser uma espécie de manifesto humorístico, reúne receitas, contos e experiências que inspiraram Douglas Fitch e Mimi Oka a definir o projecto conjunto que os trouxe a Portugal em Agosto de 2006. “Foi a primeira vez no país”, comenta Fitch, tentando soletrar Milfontes. Fizeram um enchido e chamaram-lhe Festa. “Era a salsicha da memória, uma espécie de colector de memórias. Pedimos às pessoas para nos levarem qualquer coisa que tivesse que ver com a sua memória, uma carta de amor de alguém de quem se separaram, um televisor velho, cabelo que ficou do último corte... podia ser quase tudo e apareceu muita coisa. Pusemos tudo num enorme alguidar, misturámos e enchemos uma ‘tripa’, que estava agarrada a outra ‘tripa’, etc. Depois oferecemos pedaços. De memória. Era um *souvenir*, os *souvenirs* são estranhos”, conta sobre essa experiência, mais uma que mostra que Douglas Fitch não tem qualquer problema em brincar com a comida e que com ele foi a brincar com comida – com a massa do pão – que a arte começou.

COMIDA ENQUANTO METÁFORA

As pessoas referem-se aos *chefs* como sendo artistas, mas já não fazem isso quando são artistas a mexer com comida. A Mimi e eu quisemos alargar esta fronteira”, esclarece para justificar a incursão. “É fácil dizer que a arte é comida, comida para alma, e é também fácil entender isso. É uma óptima metáfora. Mas se a arte é comida, porque não fazer da comida arte? Isso já não é fácil. Não se pode pintar com *ketchup*. Se fazemos arte do que comemos isso é uma expressão, mas é também uma verdade muito clara. Quando perguntamos o que comemos, esqueçemo-nos que comer é consumir, e comemos com os olhos, com o olfacto, com os ouvidos, com o palato, com todos os nossos sentidos, e estamos a consumir a experiência e a processá-la. A comida é uma grande metáfora para o modo como processamos qualquer coisa. Comemos uma pintura com os olhos. É muito interessante. Somos o que vemos, o que ouvimos e somos também o que comemos. Se começarmos a estar atentos a isso, a comida torna-se um *medium* muito útil e interessante para se trabalhar.”

Há 20 anos, quando começaram, a comida não estava na moda como está agora e, em inglês, ainda muito poucos tinham lido *The Futurist Cookbook* (estava traduzido do italiano há muito pouco tempo). Muitos menos ainda tinham experimentado a cozinha molecular. “As pessoas diziam-me que o que nós estávamos a fazer era decadente. ‘Estão a brincar com comida’”, acusavam. Porque é que pensavam que brincar com a comida era decadente? Estamos a comê-la e é delicioso! Mas vamos outra vez às palavras, o que é decadente? A palavra tem que ver com decair ou cair. A comida não é decadente, mas é interessante que toda a comida natural, por exemplo, a fruta, é melhor no momento mesmo antes de cair da árvore ou do arbusto, e a carne depois do animal morto, é pendurada e começa a decompor-se e é quando a comemos. Toda a comida é melhor quando começa o processo de decair. É outra grande metáfora para a sociedade, as sociedades quando atingem o pico começam a decair e os artistas são sempre um espelho do que estamos a fazer em sociedade. Os artistas têm esse papel de barómetro dos tempos ao longo da história e enquanto barómetros não estamos conscientes disso, apenas apanhamos a



Para o chef Leonel Pereira (à esq. na foto), a pintura é uma inspiração para o modo como apresenta os seus pratos. E o artista Douglas Fitch está a fazer um filme de animação com os ingredientes que o chef do restaurante São Gabriel tem na arca frigorífica. O culpado desta dupla é o Projecto Mar e Montanha, que junta artistas plásticos e cozinheiros para interpretar produtos do Algarve

boleia e mostramo-lo como um guia”, conclui, num discurso que também podia ser quase um manifesto artístico.

Pintura, escultura, fotografia, desenho, vídeo fazem parte dos trabalhos com Mimi Oka. Alguns estão nas paredes da cozinha de Douglas Fitch. Fizeram algo inédito na carreira de um e do outro e no fim publicaram um livro, *Orphic Fodder: Experiments in Dining, or' an Autobiography of an Artistic Collaboration* (Eppure Editions), uma edição bilingue, em inglês e francês publicada em 2013. O trabalho que agora Douglas Fitch veio fazer com Leonel Pereira pode ser visto como um prolongamento pessoal dessa experiência artística. “Revejo-me na irreverência do Douglas Fitch”, refere o chef do São Gabriel, curioso quanto ao resultado final de uma animação que está em processo de pós-produção. Há poucos dias, Leonel Pereira apresentou o prato que vai fazer parte do menu de Verão do seu restaurante inspirado num produto algarvio e que também será integrado



num livro com pratos dos outros 20 *chefs*, além do trabalho que todos desenvolveram com artistas plásticos para o projecto Mar e Montanha, Arte e Gastronomia no Algarve, que os dois comissários da Trienal do Alentejo estão a desenvolver com o Turismo de Portugal.

Leonel Pereira fez um robalo. “Este ano os robalos estão a aparecer no Algarve com uma qualidade extrema”, refere, para justificar a escolha. No seu caso, tinha de confeccionar um produto do mar. “É um robalo com topinambur (um meio tubérculo, meio legume), servido com um *ravioli* de azeitona preta recheado com azeitona verde. Tem aipo rama e uma batata inteira, que depois é partida com a mão, rasgada, e tem um cremoso de *topinambur*”, revela o chef.

A produtora de Douglas Fitch, Giants are Small, irá contar a história da mesa de Leonel Pereira. Vai chamar-se *Still Life in Motion*. “É um filme animado e vai acontecer numa casa comestível”..., adianta, ligando esta ideia a outra que tinha e se mostrou para já difícil de concretizar: produzir mesmo uma casa onde tudo é comestível. Desenhou para a *Nest Magazine*, uma revista dedicada ao design, com enfoque no design de interiores, que terminou em 2004, depois de 26 edições, mas que fez culto. “Nessa casa, as pessoas mais ricas ficavam no topo, junto ao tecto, e comiam umas coisinhas e quando comiam o candeeiro caía e estilhaçava-se na mesa... A casa era também uma peça de teatro que contava a história da nossa sociedade e de como ela colapsa. Acho interessante a ideia de começar a fazer pequenos mundos. É o que faço no teatro. O propósito da fantasia é apresentarmos um caminho, o acesso ao oposto da fantasia. Muitas vezes precisamos dela para entrar na realidade. Se tivermos um universo paralelo, entendemo-la melhor e começamos a ter um mundo melhor, sem isso fica tudo muito limitado.”

Pode parecer, mas Douglas Fitch não se perdeu nesta história. “O *Still Life in Motion* é uma ideia teatral”, continua. “A comida está inanimada, mas quando comemos ela anima-nos. Há objectos na nossa vida que nos dão alegria e ponho-me a pensar no que lhes acontece quando vou para a cama; acho que andam a dançar por aí. Os objectos têm vida própria”, ri. Volta a ficar sério. “Trabalho muito com marionetas e as marionetas são conhecidas como objectos inanimados que ganham vida quando estão nas mãos de humanos. Gosto dessa noção dos objectos inanimados ganharem vida e por isso escolhi o nome *Still Life in Motion*. A ideia do *memento mori* sempre me fascinou, dá-nos a noção de que a vida se vai tão depressa. A arte trabalha muito isso. Se imaginarmos quanto tempo demora a fazer uma pintura a óleo perfeita... Pintar uma flor ou um porco. Quando a pintura estiver terminada o porco estará comido, a flor morta. As pinturas estão a preservar, a eternizar aquele momento no tempo de uma forma muito lenta. Como é que se pára o tempo? Como é que o desaceleramos? O *Still Life in Motion* é essa tentativa e é uma piada. Gosto do humor. No São Gabriel, estivemos a filmar cada um daqueles ingredientes. Tudo ali é comida de verdade e a sua função é chegar à cozinha. Mas enquanto *still life* (manter-se viva) a sua função passa a ser de arte. Então, quando um ingrediente sai para a cozinha, é substituído por um outro ingrediente inanimado, a versão artificial dele mesmo. Será um filme de três minutos, mas quero depois trabalhar essa imagem em vários meios. Gostava que essa ideia se estendesse”, conclui Douglas Fitch sobre um trabalho que foi pensado para poder continuar. A primeira etapa está quase pronta e será apresentada no Algarve em data ainda a fixar. Leonel Pereira irá recebê-la com um prato de robalo da ria Formosa servido a Douglas Fitch.



TOYOTA

SEMPRE
UM MELHOR
CAMINHO

CONDUZA O NOVO AURIS E FIQUE MAIS APAIXONADO E ATRAENTE.*

*A Toyota só garante parte desta afirmação.



Novo Toyota Auris Híbrido

Apaixone-se de verdade pela condução.

- Garantia de 5 anos.
- Até 10 anos de cobertura extra da bateria do sistema híbrido.
- Toyota Safety Sense: sistema pré-colisão, aviso de saída de faixa, reconhecimento de sinais de trânsito, máximos automáticos.
- Toyota Touch® 2 com câmara traseira de estacionamento.
- Novas motorizações 1.2 Turbo 116 Cv e 1.6 D-4D 112 Cv.

Consumo combinado (l/100 km): Mín. 3,4/ Máx. 5,3. Emissões de CO₂ (g/km): Mín. 82/Máx. 112.

Oferta do Contrato de Manutenção Programada de 3 anos ou 45.000 km (ou 60.000 km na motorização 1.6 D-4D).
Informe-se sobre todas as condições de campanha em toyota.pt.

OFERTA

Pack Sport

Contrato de
manutenção



GRUPO SALVADOR CAETANO

**TOYOTA
HYBRID**

Esta é a história de um furriel português que foi viver para a sanzala e que foi feliz na guerra. E de um filho angolano que sempre viveu incompleto. Jorge conhece tantos como ele, filhos de mulheres angolanas com militares portugueses que ficaram para trás. Como os “filhos do vento” na Guiné-Bissau, cujas histórias contamos pela primeira vez. Para quase todos, conhecer o pai “tuga” continua a ser um sonho

CATARINA GOMES TEXTO **MANUEL ROBERTO** FOTOGRAFIA, EM LUANDA E LUENA

QUEM É O FILHO QUE

ANTÓNIO

DEIXOU NA

GUERRA?



Entre homens que tinham estado na guerra, às vezes, lá surgiam bocas, “Tu deixaste lá um filho, eu foram dois ou três” – o tom era de vanglória. “Para mim, era sério, mas tinha de levar com um sorriso. Eu não ia contar a chorar. Não sabiam que era causa de sofrimento.” Muitas vezes também havia chacota: “Olha lá, como é que sabes que o filho é teu?” Olhavam para António Bento como um ingénuo, como é que ele se deixava enganar ao ponto de pensar que “a preta” só dormia com ele, “se é preta, é puta”, era o raciocínio típico. “A quem achei que merecia resposta séria tentei explicar. Que a minha história foi diferente.” E que, por isso, sempre quis saber quem era este filho que deixou na guerra.

Chamavam “terras do fim do mundo” a esse lugar para onde os mandaram na sua chegada a Angola, em Setembro de 1973. “Vais para o Leste? É o pior, isso são só mortos e feridos”, diziam-lhe os que já estavam de regresso a Portugal. Nesse Leste, o primeiro sítio onde ficou chamava-se Lumbala. Ali, o entretém das horas mortas incluía mergulhos num rio onde primeiro se lançavam granadas para afastar os crocodilos. Tudo era hostil.

António diz que não é um santo, que é um homem. Aos mais experientes chamavam “velhinhos”. Por serem os que estavam há mais tempo na guerra (as comissões eram de dois anos) eram eles que acolhiam os mais novos como ele, “os maçaricos”, nos costumes da guerra. Explicaram-lhe que havia que arranjar uma mulher local que lhe lavasse a roupa, como faziam os outros homens.

Depressa aprendeu hábitos e vocabulário. Também lhe ensinaram que havia as lavadeiras “sem lavagem de quico” e “com lavagem de quico”. As segundas eram as que, além de lavar a roupa dos militares, se prestavam também a favores sexuais em troca de dinheiro, em troca de comida.

Na enfermaria havia “camisas de Vénus”, poucas, mas ninguém as pedia, “não era hábito na altura”, e bisnagas de pomadas antivenéreas. Eram só as segundas que os homens pediam, “dá-me uma pomadinha que eu vou, ou já fui”. Numa companhia, que são cerca de 150 homens, uns 40 procuravam ter relações, lembra.

“O típico era ter as instalações militares, cercadas de arame farpado, e ao lado uma aldeia nativa.” Entre estes dois mundos, criavam-se “relações de dependência”: os quartéis davam “emprego em serviços domésticos – lavadeiras, criados e serventes”, escrevem Carlos de Matos Gomes e Aniceto Afonso em *Os Anos da Guerra Colonial* (Quid Novi, 2010). Nada se escreve no livro sobre “lavadeiras com quico”, mas Carlos Matos Gomes, que é coronel na reserva e fez três comissões na guerra, lembra que havia “esta troca de serviços, que incluía troca de relações sexuais, troca de afectos”. Nos sítios mais isolados as chefias militares “fechavam os olhos” à ida de “delegações artísticas [prostitutas]”.

“Eu não queria.” António Bento tinha medo de “não conseguir” por ser uma negra. Mas era quase todos os dias desafiado pelos “velhinhos”. Se não aceitasse o desafio, era como se não fosse homem que chegasse. Ele escudava-se, arranjou uma desculpa, tinha “medo de apanhar doenças”. Então arranjaram-lhe uma mulher “com quem não ia apanhar nada” porque, diziam-lhe “os velhinhos”, “ninguém lá vai, de tão feia”. E ele não pôde dizer que não.

Foi tudo às escuras. Se lhe perguntassem hoje como se chamava a primeira mulher com quem teve relações sexuais em Angola, não

saberia dizer. Foi sexo pago, 50 escudos, preço para furriel. Se um filho tivesse nascido dessa noite escura, ou das outras que se lhe seguiram, o mais provável era que não quisesse saber dele.

Era corriqueiro haver crianças deixadas pelas companhias anteriores, nascidas dessas trocas. Alguns militares dirigiam-se a estes meninos mulatos que ficavam para trás em tom de gozo, “olha lá, filho de uma ração de combate” ou “filho de uma nota de 20”. “Era cruel, eu nunca o disse.”

A Revista 2 contou, numa reportagem realizada na Guiné-Bissau em 2013, as histórias de muitos destes chamados “filhos do vento”, como os baptizou um ex-militar português, fruto de relações entre militares portugueses e mulheres guineenses durante a guerra. Hoje andam na casa dos 40, 50 anos, mas continuam a sonhar conhecer os seus pais “tugas”, choram quando dizem que se sentem “meia-pessoa”. Também existem histórias, raras, de militares que trouxeram os filhos mulatos para Portugal quando eles eram crianças.

Chegou uma altura em que disseram aos homens da companhia de António, a 1.ª do batalhão 6321, que iam mudar de sítio sem lhes anunciar para onde. “Talvez os alferes e capitães soubessem, a nós não nos diziam.” A coluna militar andou como uma comprida lagarta cor verde-tropa que se deslocava vagarosamente, porque uma parte do corpo tinha de esperar pelas restantes. Andaram três dias. Ele ia na penúltima viatura porque era mecânico, no caso de haver avarias.

Lá mais à frente uma viatura pisou uma mina, houve um ou dois feridos, não viu nada, dessa vez apenas lhe chegou a notícia. Conta que estar na guerra não é só estar sob fogo, não é só o que se vê, é o que se ouve contar.

Como um militar que se gabava “que faziam carteiras com as mamas das pretas mortas”. Ou de como “punham dois turras num helicóptero e atiravam um deles abaixo para obrigar o outro a falar”. O que era verdade? Mentira? Estava tudo misturado e tudo isso criava este lugar. Feito de histórias que tolhem e fazem explodir. Que se contam e se agigantam, criando uma cadeia de medo que se alimenta a si mesma. O medo é feito de sugestão, o medo são histórias, a guerra também são histórias.

A longa lagarta militar onde António seguia parou. Não sabia se por acaso se com propósito. Saiu para desentorpecer as pernas e na curva, que ele ainda sabe de cor, cruzou o olhar com uma mulher negra, teria a sua idade. Tinham chegado a uma aldeia chamada Luvuei e aquela mulher era “a Esperança”. “Eu não ia à procura, aconteceu. Eu olhei para ela e ela olhou para mim.”

Não sabe exactamente quanto tempo terá demorado até ter deixado de dormir na cama no quartel, até se mudar para a cubata dela. Em cerca de 130 militares portugueses da sua companhia, era o único a dormir fora do quartel.

Primeiro passava lá os fins do dia e ia dormir ao quartel, mas depois percebeu que isso não fazia sentido. Que ele agora tinha uma casa no Luvuei e não era na caserna, era com Esperança. Arranjou uma arca que lhes ficava ao fundo da cama de casal e onde guardava o pouco que tinha, alguma roupa, a farda. Trajava-se em casa e estava a tempo da alvorada no quartel. Começou ali a sua vida com a Esperança.

No quartel, ele era conhecido como “o furriel que vive na sanzala”. “Os portugueses tinham medo de sair do quartel. Achavam que eu era maluco, era o único branco.” Os colegas tinham curiosidade, enchiam-no de perguntas sobre a sua vida lá fora, “e tu bei-



jas a preta na boca?”. Reduzia as conversas de curiosidade ao mínimo, “eu faço a minha vida normal com a Esperança”.

A primeira vez que levou Esperança para ir ver um filme, que eram projectados na empena da secretaria do quartel – não se lembra do nome, mas era sempre “cowboyadas, Bonanza, Tarzan, o Trinitá” –, todos se espantaram, alguns gozaram com “o furriel e a preta dele”. Foi um burburinho. “Ela enfeitou-se toda, levava um lenço na cabeça. Fomos os dois, de braço dado.” A segunda vez não sentiu tantos olhares, à terceira já tinham lá uma cadeira para “a mulher do furriel”.

Construiu naquela aldeia uma normalidade de faz-de-conta. Ao fim-de-semana desfardava-se e vestia-se à civil, calças à boca de sino cor de vinho, como se tivesse algum sítio onde ir; esvaziava a cartucheira das munições e usava-a para guardar a carteira com o dinheiro que quase não tinha onde gastar.

Nas horas vagas fazia *bricolage* na casa de Esperança, como agora faz na sua casa na vila alentejana de Vendas Novas. Cimentou o chão de terra batida de duas divisões, mandou fazer uma porta e cortar um vidro para a janela, fez um tecto falso de capim sob o telhado de folha de zinco, montou um algeroz para aproveitar a água da chuva que desaguava num *jerrican*, com uma bateria e uns focos

velhos de um carro fez luz. A deles era a única cubata iluminada à noite.

Esperança de Andrade era a filha de um pastor protestante. De que é que falavam? De tudo. Lembra-se de uma noite, “estávamos os dois na cama, a olhar para o capim do tecto, a conversar, como tantas vezes, ela a falar de cobras e cai a casca da palha, eu apanhei um susto com o barulho, pensei que era uma cobra”. Ela gozou com ele, com os seus sustos. “Estava sempre a brincar comigo.”

Nesses tempos era como se passasse uma corrente eléctrica por cada homem que a qualquer momento podia dar choque. Só que ele tinha uma ligação à terra, que era a Esperança. Eram um grupo de homens cheios de medo, mesmo nunca dizendo a palavra, completamente isolados, armados, “bebia-se à vontade”, qualquer discussão podia resultar em violência, qualquer barulho banal os fazia agachar em protecção ou sacar de uma arma. “A guerra embrutece.”

Com aqueles com quem se tinha mais confiança chorava-se. Uma vez apanhou “três a chorar, estavam para ali todos num pranto. Éramos uns meninos”.

Cada um geria o medo à sua maneira. Havia um cabo que passava o tempo a escrever cartas, duas a três por dia, às vezes 15. Um dia António perguntou-lhe: “O que é que tanto

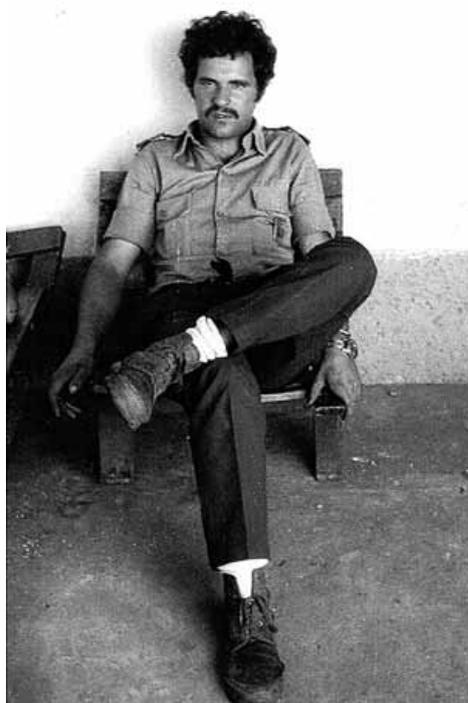


tens para dizer?” Ele respondeu-lhe: “Mentiras, às vezes. Arranja-se sempre alguma coisa para dizer.” O objectivo não era dizer verdades sobre o que passava consigo, era receber o mesmo número de cartas ou mais de volta.

António não tinha namorada em Portugal, só os pais a quem escrever. E o que é que ele lhes ia dizer? Deve tê-lo feito uma vez e lembra-se de que o pai nunca o esqueceu. Foi algo como “das coisas que mais me custa cá é escrever”. “As cartas da guerra são chatas porque não servem para dizer a verdade.” De Portugal não chegavam notícias que o preocupassem e estava fora de questão ele escrever aos pais a dizer “tenho medo”, “todos os dias nos chegam notícias de mortes”. E muito menos lhes podia contar o mais especial do que estava a viver, a sua história com Esperança.

“Eu devo ser das poucas pessoas que podem dizer que foram felizes na guerra.” Chegou o tempo em que tinha direito a uma licença de um mês para ir a Portugal, o momento ansiado por tantos, e, no entanto, António decidiu não regressar. Ficou com Esperança, numa espécie de mini-férias na guerra, em que a sua vida era toda fora do quartel.

“Lembro-me de lhe ter dito que gostava de conhecer a missão protestante onde ela foi criada, do Luonze.” Ficava a 14 quilómetros



A companhia de António esteve no Leste de Angola. O ex-militar conheceu a angolana Esperança quando tinha 23 anos

da aldeia onde viviam, toda a zona estava infiltrada pela UNITA, e mesmo assim decidiram ir. “Ela arranhou duas bicicletas, eu enchi os pneus de ar na oficina, e lá fomos os dois passear, levámos bananas para comer.” Um passeio de três horas para lá e outras tantas para cá. “Éramos completamente inconscientes”, sorri.

António também ia com ela para a lavoura, com o pai de Esperança viu cultivar arroz. “Tinha longas conversas com o meu sogro, o velho Andrade, um homem magro e calmo, educado e culto.” Ele contava-lhe do tempo em que os colonos portugueses iam buscar os homens válidos da aldeia para ir desmatar as roças de café e trabalhar para as plantações de algodão e de como esses homens nunca mais voltavam a casa.

Para os militares portugueses que ouviam o bater dos batuscas dentro do quartel, todos soavam iguais; no meio da sanzala percebeu que eram todos diferentes. Havia batuscas por ocasião do nascimento de um filho, de um casamento, da circuncisão dos rapazes. “Este era o mais importante, durava um dia e tal, era uma coisa linda, seis ou sete homens, todo o dia, os miúdos vinham às cavalitas dos mais velhos, com vestes de palha coloridas.” António tinha longas conversas com as sobas (chefes comunitários) Bié e Nhacaqui. “Fui adoptado pela família da Esperança, fui adoptado pela sanzala.”

À noite, saía do quartel e fazia um caminho escuro que lhe parecia longo, uma vereda de mangueiras, “até casa”. Parava às vezes na taberna local. No início ia todo armado, que era como se fosse roupa, o normal, um cinturão com duas granadas, uma faca de mato e uma pistola Walther. Depois, disseram-lhe “ó furriel, não venha armado que aqui ninguém lhe faz mal”, e António passou a andar desarmado. “Comecei a baixar as guardas. Houve uma altura em que perdi o medo. De andar no escuro, de ser apanhado.”

Nesse ano em que viveram juntos Esperança, “naturalmente”, engravidou. Deixou-se engravidar? Esperança tinha uma filha de um outro homem que também já não vivia com ela. “Nada era planeado, as coisas aconteciam. Eu penso que a Esperança quis ter um filho meu e percebeu que o pai ali é uma figura ausente.” “Nunca esteve em causa eu trazê-la. Ambos sabíamos que era só aquele momento. Eu iria voltar para a minha vida, tinha emprego em Portugal [como desenhador industrial], ela ficaria na sua.” Não vale a pena romancear, diz António. Foi um amor de guerra enquanto durou, com início e fim pré-datado. Mas que acabou antes do tempo previsto.

António é entretanto deslocado para o Norte de Angola, para Nambuanguo. Ainda se escrevem cartas. Esperança diz-lhe que se sentia como “um pássaro... A falta que me fazes”. Vinham-me as lágrimas aos olhos”.

Já em Luanda dão-lhe dez dias de licença, é Dezembro de 1974, e, quase de regresso a Portugal, toma uma decisão: decide atravessar Angola, fazer os cerca de mil quilómetros de volta ao Luvuei, para saber se o filho já tinha nascido. O clima já é de guerra civil.

Apanha um comboio dos caminhos-de-ferro de Benguela de Nova Lisboa para o Luso, que não tardariam a ser Huambo e Luena. É o único branco. Decide que é mais seguro ir à civil, sente-se olhado com desconfiança. Mas há uma velha mulher que desembrulha um plástico, faz-lhe sinal e oferece-lhe um pedaço de pirão (bolo feito de mandioca). Ele aceita e é como se com a oferenda estivesse a dizer que não lhe iriam fazer mal.

Em Nova Lisboa já está há um dia sem comer, está tudo fechado. Jonas Savimbi está a

fazer um dos seus primeiros comícios. Consegue chegar a Luena e encontra o chefe Simão, um angolano que lutava pelo Exército português, pergunta-lhe quando sairá a próxima coluna militar para o Luvuei e ele informa-o que os portugueses estão de saída. António consegue um táxi, daqueles ainda à portuguesa, pintado de preto com tejadilho verde, que o leva ao Luvuei, a 200 quilómetros.

“Quando a vi, a Esperança andava a estender a roupa, com um barrigão. Começou a gritar, de alegria.” Tinha levado três dos seus dias de licença a fazer aquela viagem, podia ficar outros quatro, tinha mais outros três para regressar, sob pena de ser dado como desertor. Tornou à boleia numa coluna da UNITA. Não ficaria tempo suficiente para ver o filho nascer. Ou seria uma filha?

Na Luanda de 1973, no início da comissão, podia andar-se em todo o lado; em Abril de 1975, no final da sua comissão, “parecia o faroeste”, recorda um colega da companhia de António, José Sá. Por todo o lado se viam militares angolanos dos vários movimentos independentistas com munições a tiracolo. “Ouviam-se mais tiros do que quando estava no mato.” António passa os últimos dias no Hotel Luanda a fumar liamba. Há um mundo a desaparecer.

UM RAPAZ

Já em Portugal, vai percebendo que em toda a zona Leste de Angola a guerra civil é mais intensa. E cada vez que havia alguma notícia na televisão sobre o conflito angolano alvoroçava-se. Todos os avanços e retrocessos, cessar-fogos e combates o ligavam a essa sua história passada. “Todos os dias pensava como estaria o meu filho, como estaria a minha família de Angola.”

Muitos anos depois de ter regressado, chegaram-lhe rumores, através de um amigo que tinha entretanto emigrado para Angola, que a aldeia onde tinha feito um filho, o Luvuei, tinha sido destruída e que o mais certo era terem morrido, ele e a mãe. O amigo disse-lhe que o Luvuei deixara de existir, deixara de ter pessoas. E ele pensava: como é que se procura uma pessoa sem nome num sítio que já não existe?

A outra hipótese que o amigo colocava era terem-se refugiado na vizinha Zâmbia. E foi essa a pista que lhe ocupou a mente durante anos. Num dossier de capa verde que guarda em casa tem marcado a esferográfica vermelha um percurso imaginado de fuga, da mãe com o seu filho. Ora, se eles tivessem ido para a Zâmbia, teriam caminhado – imaginava-os a pé – ao longo do rio Lungwebung, que ele sabia empestado de crocodilos, e depois ao longo do rio Zambeze, até passarem a fronteira. Ter-lhes-ia demorado uns dois dias. Podiam ter chegado até a um campo de refugiados em Mongu. Tem essa povoação envolta num círculo vermelho.

No seu longo trabalho de juntar peças, soube, por acaso, num daqueles almoços-convívio anuais de ex-combatentes, de uma mensagem via rádio recebida depois de ele se ter vindo embora. Um homem que tinha sido soldado de transmissões, Florival, deixou escapar que tinham recebido notícia “do nascimento do mulatinho filho do furriel Bento”. Nunca lhe disseram nada. “Acharam que eu não queria saber. Como é que eu haveria de não querer saber do nascimento do meu filho? Muitos não queriam, muitos não querem, é verdade, mas eu queria.” Soube então que tinha tido um rapaz.

Depois de muita insistência, António conseguiu fazer ressuscitar do diário mantido por

um outro militar que tinha estado no Luvuei a seguir a ele e que, metódico, deixara anotado: “Parto no quartel do Luvuei, quarta-feira, dia 15 de Janeiro de 1975, às 10 horas 35 minutos. Vi o médico e o cabo enfermeiro a correr a toda a pressa para ir socorrer uma mulher nativa, que tinha saído há pouco da enfermaria. Ela ao caminhar afastando-se 300 metros do quartel foi acometida de dores de parto. Por isso o médico foi lá prestar assistência.” Terminou anotando que “a ambulância da companhia foi levar ao quimbo a jovem mãe que acabara de dar à luz uma criança”.

Foi com esta informação, de que era um menino e de que tinha nascido às 10h35 do dia 15 de Janeiro de 1975, que viveu. Tinha nascido uns 20 dias depois de ele ter estado da última vez no Luvuei. Só depois de a guerra civil ter acabado, em 2002 – antes diz que lhe “era impossível” –, é que começaram as buscas fora da sua cabeça. Contactou a Cáritas de Angola, a Cruz Vermelha Internacional, missionários ligados aos Salesianos radicados em Luena. Em 2006, foi à embaixada de Angola ver se faziam chegar uma carta ao governador da província do Moxico (onde fica o Luvuei), na qual se oferecia para ir trabalhar como voluntário. “E nada. Absolutamente nada.”

JORGE PAULO BENTO

Se visse o amigo de adolescência na rua, não o reconheceria. Tinham andado juntos na Escola Industrial de Montemor-o-Novo até aos 17 anos e acabaram por ficar na mesma mesa, um ao lado do outro, num almoço de ex-alunos, em 2012.

Nesta geração de homens as conversas acabam muitas vezes por ir parar à guerra, “onde é que eu estive, onde é que tu estiveste”. O amigo Alberto Caçador tinha estado na guerra em Angola muito antes de António e num sítio muito longe do dele, no Sul. Não tinham isso em comum.

Só que o amigo tinha voltado e trabalhava lá há 20 anos, estava em Portugal de férias. Era encarregado de obras de uma empresa de construção portuguesa, o Grupo Lena, que andava a asfaltar estradas destruídas pela guerra civil. Contou-lhe que, a par do alcatroamento, também retiravam minas, que enterravam em buracos, ou afastavam das bermas os muitos helicópteros caídos e os tanques, do MPLA e da UNITA, que tinham ficado pelo caminho.

No restaurante Pôr-do-Sol, em Montemor, percorreram juntos esse caminho que o amigo andava a asfaltar. E descobriram que a Angola do presente deste amigo era a Angola do passado de António. Caçador andava a tornar transitáveis as estradas e pontes que levavam à aldeia onde António tinha feito um filho. A conversa acabou aí, no rapaz. Caçador ouviu-o e prometeu “interessar-se pelo meu caso”. Como tinham feito alguns outros.

António confessa que nunca acreditou muito na sua boa-vontade, seria daquelas promessas que se ficam pelo momento em que são ditas. Não se viam há tantos anos. Mas, cerca de quatro meses após o almoço, o amigo mandou-lhe uma mensagem a partir de Angola através do Facebook: “Finalmente deslindei o teu mistério.”

Era de noite, António respondeu: “Não me vais deixar passar uma noite em claro.” O seu amigo Alberto Caçador tinha supostamente localizado o mulato que é seu filho. António Bento, depois de tantos anos, duvidou.

Mandou ao amigo um guião que o tal rapaz mulato tinha de saber responder para António ter a certeza. Era preciso perguntar-lhe: como se chama a tua mãe? Onde ficava a tua

casa no Luvuei? Como se chamava o teu avô? O que fazia o teu avô? Qual é o nome da tua irmã? E da tua tia? Quando nasceste? Como te chamas?

Esperança. Junto à capela. Andrade. Era pastor evangélico. Anabela. Sara. Em 1975. Jorge Paulo Bento. Tudo batia certo.

Mas essas foram as respostas depois de o amigo ter conseguido chegar à fala com o filho. Caçador contou depois a António que o filho desligou várias vezes o telefone ao português dito amigo do pai. Não acreditou na história de um pai que andava à procura dele a partir de Portugal. “Pensou que era armadilha. Respondeu-me: ‘Não o conheço de lado nenhum’”, lembrou Caçador.

Teve de arranjar um intermediário que o filho conhecesse e que lhe podia afiançar que ele era quem dizia ser e que o pai existia. Ligou-lhe do telefone do conhecido, que disse ao filho: “‘Vou-te passar. É uma pessoa das minhas relações, ele conhece mesmo o teu pai.’ E ele lá acalmou.” Jorge atendeu, e Caçador conseguiu finalmente falar com ele. “E tu és Bento porquê?” “A minha mãe disse-me que o meu pai chamava-se Bento, que era um português.” Encontraram-se. “Notei nele que ficou eufórico, senti nele uma felicidade grande”, lembrou Caçador à Revista 2.

Contou-lhe só pedaços de uma “infância terrível, como toda a gente naquela zona”, e ele não quis ser intrometido. Emocionou-se, achou-o “uma pessoa sofrida”, percebeu por que a sua primeira reacção foi desconfiar. Avisou-o: “Vou dar o número ao teu pai, ele vai-te telefonar. Não estranhes.”

Caçador devolveu a António por *email* uma foto desse encontro, a sua mão por cima do ombro esquerdo do rapaz, ele com um sorriso de orgulho por o ter achado, o rapaz muito sério. Assunto: “Aqui tens o teu filho.” É com essa fotografia que António anda sempre desde então, recortada em formato passe para lhe caber dentro da carteira, por cima do ombro de Jorge nota-se ainda um pedaço do braço de Caçador, que morreu durante a realização desta reportagem.

Não tem na carteira a fotografia das filhas gémeas portuguesas porque esteve sempre presente para elas. Mas por ter o rosto de Jorge, é como se quisesse compensar a ausência de uma vida inteira. “Nunca lhe dei colo, nunca lhe ralhei, nunca lhe dei afecto, nunca lhe ensinei nada, nunca joguei com este filho à bola. Isto marca um homem.”

O papelinho com o número de telefone do filho andou vários dias no bolso de António. “Estive mais de uma semana sem saber o que fazer e o que pensar.” O que é que lhe ia dizer? O que é que ia ouvir do outro lado? Lembra-se de que estava estacionado dentro da sua carrinha ao lado do café onde costuma ir, o Belavista, em Vendas Novas. Era um dia de chuvinha miúda, e ele, sozinho, marcou o número, e o filho atendeu.

Choraram os dois ao telefone, à vez. António contou-lhe que sempre tinha pensado nele, que o tinha procurado muito. Sentiu, do outro lado da linha, que tinha sido um momento importante para o filho. Ele contou-lhe que sempre tinha sentido que lhe faltava alguma coisa.

Seguiram-se outros telefonemas, sempre difíceis, por causa das interrupções de rede, de problemas de linguagem e de interpretação. Foi sabendo que o filho tinha quatro filhos. Que está destacado numa cidade chamada Saurimo a que chamam a Cidade Diamante, porque é zona diamantífera. Que ele é sargento de uma força especial, a Polícia de Intervenção Rápida, que se veste toda de negro – em Angola, conhecem-nos por “Ninjas”. E que lhes cabe velar “pela manutenção da ordem

Só quando António chegou a Angola é que o filho lhe disse que tinha acabado de ser recrutado para uma missão na Guiné Equatorial. O ex-militar português conheceu os seus quatro netos angolanos



pública, o combate a distúrbios e a garantia da integridade territorial”. Disseram um ao outro tudo o que é possível dizer, por telefone.

“TAL E QUAL A CARA DO MEU PAI”

António está finalmente em Angola para conhecer o filho. Está em Luanda e acaba de desligar o telefone, está curvado sobre si mesmo como se tivesse sido socado, o rosto empalideceu-lhe. Silêncio é o mais que consegue neste momento. Nessa noite fará contas aos momentos de tristeza da sua vida e nesse exercício mental, em que recapitula e compara cenas do vivido, concluirá que esta foi a maior desilusão da sua vida.

Aterrou na véspera em Luanda. O filho angolano, que procurou durante quase 40 anos, acaba de lhe comunicar pelo telefone que, afinal, não se poderão encontrar. Disse-lhe que acabara de ser recrutado para uma missão fora de Angola, na Guiné Equatorial.

O filho bem lhe transmitiu que tentou explicar aos seus superiores o singular do que estava a viver, do seu pai que tinha vindo de propósito de Portugal para se encontrarem e que ele não conhecia a não ser pelo telefone, mas não os demoveu. Contou a António Bento que lhe disseram: “Escolhe: é o teu pai ou o emprego.”

O filho angolano escolheu o emprego – que foi o que conseguiu para sobreviver à guerra, para sobreviver à vida sem pai, para sustentar a família de quatro filhos, e que é difícil de arranjar em Angola, ainda mais com a sua idade, quase 40 anos. “Lamento muito, pai.”

“Lamento muito.” Haverá verbo mais desadequado do que esse, de tão formal, para desculpar a intensidade do que o pai está a sentir naquele momento preciso. António Bento tomou de manhã a sua medicação para a diabetes e para a tensão arterial. Tem 63 anos. O filho foi feito quando tinha 23.

A data estava marcada há muito. Foram longos os preparativos. Para vir ter com este

filho que não conhece, teve de preparar a sua mulher. Foi um filho feito antes de se casarem, mas, ainda assim, esta vinda perturbou a paz doméstica. Também teve de explicar tudo às suas duas filhas, as irmãs mais novas do seu filho angolano, uma morena e a outra loura, uma engenheira, outra arquiteta.

Foi a loura, que percebe mais de informática, quem o ajudou a construir aquela história escrita com imagens que mandou encadernar e trouxe para oferecer ao filho, para lhe ensinar coisas sobre quem é o pai que ele nunca viu, porque sabia que o tempo não ia dar para lhe contar tudo. Chamou-lhe *Palavras de um pai para um filho*.

Passou a última noite acordado a acabá-la, com palavras feitas de cautela, para evitar melindres e mal-entendidos, fala-lhe de como “o pai” viveu “a guerra colonial, como nós a chamamos por cá”, há passagens em que quase parece uma carta de amor, como quando lhe fala da sua angústia, “foram anos em que era raro o dia em que não pensava em ti. Nunca conseguia estar totalmente feliz, faltavas tu”; conta-lhe de como o conseguiu descobrir, deixa-lhe o nome dos seus pais, “que são os teus avós”, fala-lhe da sua história com a sua mãe e sobretudo dá-lhe conta da sua ansiedade por este encontro: “Mais uma noite em que o sono não quis nada comigo. Nestas noites, não consigo pensar em mais nada que não seja a hora do nosso encontro, a hora do nosso abraço.”

E agora? O que pensar deste filho que ainda é sobretudo imaginado? De quem conhece a voz ao telefone, de quem guarda esta fotografia de rosto com fraca definição, que retira da carteira para mostrar a quem conta a sua história – “Este é o meu filho”, para quase sempre acrescentar, “é tal e qual a cara do meu pai, a boca, o nariz, é a família do meu pai”.

António conta a história desse seu desencontro a muitos com quem se cruza nesta Angola de 2015 e alguns têm logo explicações rápidas para lhe dar, surgem teorias à mesa do



café, especulações, para explicar o comportamento do filho. “Há por cá cada artista. Eles mentem. A mentira é da natureza dos angolanos”, aventa um português. “Chefe é chefe. Pode morrer pai e mãe ao mesmo tempo que as ordens são para acatar. Não se consegue evitar, a vida não lhe pertence, é polícia, é militar, não manda na sua vida”, alvitra um angolano. Em quem acreditar?

O pai agora está cheio de dúvidas sobre este seu filho que ele sempre teve a certeza de que “só podia ser boa pessoa”, por ser filho da Esperança, por ser neto do “velho Andrade”. Mas António também teve tempo de sobra para tentar saber o mais que podia sobre o filho, à distância. Na Internet, encontrou várias notícias sobre a força de que o filho faz parte, no *site* informativo Voz da América lê-se: “Sete mortos e vários desaparecidos é o balanço de uma operação levada a cabo alegadamente por agentes da PIR no município do Saurimo.”

**“
Nunca lhe dei
colo, nunca lhe
ralhei, nunca
lhe dei afecto,
nunca lhe
ensinei nada,
nunca joguei
com este filho
à bola. Isto
marca um
homem**

Já uma outra notícia, esta da agência oficial Angopop, o comandante do corpo elogia “a preparação destas forças no sentido de agir em condições adversas”.

O filho disse ao telefone que o puseram contra a parede. Será que foi mesmo obrigado a partir em missão? Não podia ter tirado férias? Não podia explicar aos superiores que esta pode ser a única oportunidade de conhecer o pai?

Mas e se não quiser mesmo encontrar-se com ele? Será que o deixou fazer esta viagem e não quer conhecê-lo? Se calhar está com medo. Ou estará revoltado contra este pai que o deixou para trás? António sempre recebeu a forma como ia ser recebido.

De Portugal recebe chamadas de amigos a perguntarem: então, já te encontraste com o rapaz? Não consegue dizer-lhes a verdade, ainda. Que veio em vão. Adia: “Ainda não, ainda não.”

O “PULA”

Apesar de o filho não poder, afinal, encontrar-se com ele, o bilhete de avião para o sítio onde se iam conhecer, Luena, está comprado, a cerca de mil quilómetros de Luanda. Está decidido que António Bento fará a viagem de há 40 anos, rumo ao Leste de Angola. Tentará, ao menos, conhecer os seus netos, a sua nora, voltará ao menos à aldeia onde foi feliz na guerra.

Aterrou por fim em Luena. Sem o filho para o guiar naquela cidade que para ele ainda é o Luso, por mais que se esforce por lhe chamar Luena, vai, a medo, bater à porta da única referência que tem: a tal Polícia de Intervenção Rápida.

António não faz de propósito, de cada vez que conta a sua história emociona-se, na maior parte das vezes chora, ainda mais agora que ali está, “no Luso, peço desculpa, em Luena”.

A entrada da sede da PIR intimida. Ao lado da guarita pintada de azul-turquesa desbo-

tado há uma enorme placa de madeira onde se explica a quem passa os ideais da força: “A Polícia Nacional é a instituição nacional policial, permanente, regular, organizada na base da hierarquia e da disciplina”.

Na guarita, António não tem tempo de completar a sua história, de se comover, diz “vim à procura do meu filho”. O homem da guarita é seco, não quer ouvir o resto, estica a mão direita manda-o esperar na “sala de espera”, um local ao ar livre com meias-paredes de cimento e telhado de zinco, onde há um espelho de corpo inteiro, talvez para que, quem espera pelo comandante, se aprume, se penteie, ajeite a camisa. Na parede desta “sala de estar” está afixada uma lista enorme de candidatos, do n.º 1, Abel Mucuma, ao 700.º, Walner Xamuzambe.

A espera não é, afinal, muita. Chega o comandante, o oficial que está de serviço nesse dia a substituir o comandante que está ausente. Este chama-se Alberto Senda, mas é pela inicial do meio que está escrita na placa que tem ao peito, B., que o conhecem. É o comandante Bumba, mas ao dizer-se parece Bomba. Aproxima-se e pergunta a António, ríspido: “Qual é a preocupação?”

E António começa a sua história, tenta ser sucinto, a repetição não lhe retira emoção, diz que anda à procura do filho há quase 40 anos, que ele trabalha ali, mas que está destacado em Saurimo. Diz que veio de Portugal de propósito para o ver, mas que ele foi recrutado para uma missão especial na Guiné Equatorial. Queria ao menos conhecer os netos mas não sabe onde o filho mora. Será que o podiam levar até lá?

António retira apressado da carteira a foto pixelizada com o rosto do filho e mostra-a, para servir de prova ao que está a contar. O comandante, que veio acompanhado de dois dos seus homens, ouve-o e a sua expressão facial rígida reorganiza-se de repente num sorriso aberto: “É o pai do ‘Pula’?” “Pula” é como em Angola se chama ao branco. O filho mulato de António é alcunhado na corporação como “o Branco”.

E a notícia propaga-se a todo o quartel, como imaginamos que o título bombástico de um jornal fosse espalhado por um ardina, quando os pregões eram gritados na rua para atrair compradores, como quem diz “venham ver, venham ver”: “É o pai do ‘Pula’, é o pai do ‘Pula’.”

Em poucos minutos António está rodeado de homens imponentes vestidos de negro, Ninjas, de cabeça rapada, camisa negra arregaçada até aos bíceps trabalhados, as armas amarradas à perna direita com velcro, emocionados. O papelinho com a imagem da cara do “Pula” a circular de mão em mão, para a compararem com o homem que ali está. Miram o pai, miram a foto do colega: “É parecido com o pai.”

A parangona chega ainda à secretaria do quartel e quatro mulheres vêm a correr colorir a cena, são as únicas que não estão fardadas. António repete a história para quem vai chegando: “Ando há quase 40 anos à procura dele, do meu filho.” Ao ouvir a história contada pelo “pai do ‘Pula’” são agora elas que comentam, “ai, é parecido, é a cara dele”. Sobre a história, não param de repetir “ai, é bonito, é bonito”, doseadas com um “não é fácil, não é fácil”, em que abanam a cabeça para dar conta das adversidades da vida, que, tal como aquela história, “não é fácil”.

O comandante Bumba começa a fazer telefonemas, a dar instruções para que se façam outros telefonemas, “liga no Jamba”, “liga no Salgado”, a confirmar a história que o filho contou ao pai. Que sim, que é verdade, que ele foi de facto recrutado para uma missão,

para proteger a selecção angolana de futebol na Taça das Nações Africanas, mas que o filho está ainda em Luanda, não chegou a partir para a Guiné Equatorial, está quase, quase de partida. O comandante liga ao próprio Jorge à frente do pai – “Daqui o chefe Bumba, está aqui o teu velho.” Termina os telefonemas. Diz que será ele mesmo a transportar o pai até aos seus netos, à nora, à casa do Jorge.

“NÃO ARMA CONFUSÃO”

A carrinha *pick-up* do comandante Bumba enche-se de espectadores que também querem ser transportados para o local para presenciar o momento. Seguem na caixa aberta as funcionárias da secretaria que pediram autorização ao comandante para ir – Lurdes Cristina, Teresa Malemba, Cristina Segunda, Domingas Jorgina – e afixam ao pai, quando ele lhes pergunta “como é que ele é?”, que “é boa pessoa”, “não arma confusão”.

E António vai amalhando, juntando ao pouco que sabe sobre o filho, além de uns quantos factos e da imagem do seu rosto com pouca definição, a pensar que talvez lhe estejam apenas a dizer o que um pai quer ouvir sobre um filho, que cresceu bem, que se fez bom e recto sem ele por perto, como ele sempre o idealizou. “Ele é bom homem, ele brinca. É fortalhão”, diz o colega João Issala, enquanto faz um gesto de Popeye.

Para se chegar ao bairro onde vive o filho de António, é preciso sair-se da cidade de Luena, das suas avenidas largas com muitas casas coloniais abandonadas. Passa-se depois, à direita, pelo edifício de vidros escuros espelhados que é a sede do MPLA, à esquerda pelo palácio do governador provincial, espreguiçadeiras arrumadas à beira da piscina. Atravessa-se o rio Luena, onde há muitas mulheres a lavar roupa e alguns homens a lavar carros todo-o-terreno.

O bairro não é daqueles com placas a anunciá-lo. Percebe-se que é ali porque é onde o comandante pára o carro. O bairro Alto Luena é um amontoado desordenado de casinhas, por onde se circula por ruelas de terra batida cinzenta, casas de adobe alaranjado, algumas com partes rebocadas de cimento, encimadas por telhados de zinco.

Ao descer da carrinha do comandante, percebe-se que a notícia da chegada do pai de Jorge chegou, por telemóvel, antes de António, antes de o carro travar. Crianças e adolescentes, mulheres, rodeiam, gritam e anunciam: “É o papá, é o papá.” Referem-se a António Bento.

No Alto Luena há quatro meninos mulatos que sempre tiveram o apelido Bento. Sabia-se que era o nome de “um tropa português” que por ali tinha passado e que se tinha ido embora antes de Jorge nascer. O comandante Bumba indica a António a casa do filho, há um adolescente e três crianças que ele indica como sendo “os filhos do seu filho”.

António ajoelha uma das pernas na terra cinzenta à porta de casa, abeira-se de uma menina mulata, que ele ainda não sabe que se chama Serafina e tem oito anos, e que está com ar temeroso e diz-lhe, com os olhos à sua altura: “Dá cá um beijinho, não tenhas medo, eu sou o teu avô, eu sou pai do teu pai.”

Julieta Gambo, a mulher de Jorge, surge tímida, e ele apresenta-se, “eu sou o pai do Jorge. É bonita a minha nora” e ela sorri, que é o que sobretudo fará durante o encontro, a sua língua-mãe é o mbunda, não é o português.

O público, de tão numeroso, abafa o ambiente quando entram todos para a pequena casa da família, produzindo ainda mais calor do que aquele que já está. Sentam-se num

dos três sofás de padrão tigre com um pano a protegê-los, em frente a uma televisão de plasma que funciona quando o gerador é ligado, mas é como se estivessem no exterior porque o pano verde-claro com flores cor de vinho que faz de porta da rua foi corrido para o lado. A única janela da sala está preenchida por rostos de várias idades que se colocaram numa plateia informal espontaneamente organizada por alturas, para dar lugar a todos poderem assistir.

António diz à nora que compreende a ausência do filho – “eu sei que ele é militar, que tem obrigações”. Mas que ele ali está com ela, com os netos, “um homem quase feliz”. “Só me faltava conhecer o meu filho. Depois posso morrer descansado, fico um homem completo.” Como uma espécie de consolo, a nora oferece-lhe as únicas três fotografias que tem do marido, numa deles o filho está, de corpo inteiro, junto ao monumento da independência de Angola, em Luanda.

Quatro mulheres de meia-idade instalaram-se em cadeiras de plástico em frente da casa, na assistência. Dizem que toda a gente sabia que ele era filho de “um português”, mas ninguém supunha que ele um dia iria aparecer. “É pena, é muito difícil. E ali tem bué de filhos mas os pais desapareceram. Nenhum voltou. Há aí muita gente abandonada”, diz uma delas, Cristina Maceo.

NÃO CHORA

António vai ser apresentado a um desses filhos de portugueses, todos conhecem pelo menos um deles. Francisca Dominga Domingo tem exactamente a mesma idade do filho, 39 anos, e ela não é meiga com António, à chegada. “Abandonaste-o e agora é que vens?” Ele explica que veio “para lhe dar um abraço”. “Se o meu pai aparecesse, eu não ia recebê-lo com um abraço. Não lhe conheço, não lhe vou dar abraço.”

Ele tenta explicar-se, diz-lhe que acredita que “era difícil encontrarmos filhos durante a guerra civil, nem o correio cá chegava”. Explica-lhe que já conheceu os seus netos e Francisca começa a amolecer o tom de revolta, ela que tem nove filhos, a raiva a apaziguar, que isso de ter ido conhecer os netos “é bom” e que talvez se o seu pai também lhe chegasse de Portugal, que “talvez na conversa se pudessem entender”, talvez “depois” tivesse um abraço para lhe dar, talvez. E termina, já dócil, “o meu pai pode aparecer”. “Por que é que o meu pai nunca me quis procurar?”

António registou os dados do pai que Francisca lhe deu, acha que o conhece, que até pertenciam ao mesmo batalhão, mas se for quem pensa já era casado e com uma filha quando veio para a guerra. Dificilmente Domingas pode esperar que ele bata à porta para lhe vir dar um abraço, como António tentou fazer com o filho.

Já António Martins, que nasceu em 1972, diz que lhe contaram a história de que o pai português – o apelido é o que sabe dele, o Martins – chegou a vir a Luena, em 1982, mas eles viviam noutra sítio e não os encontrou. Ouve enternecido a história da vinda de António – “é de louvar, vir procurar o filho” –, do desencontro, do filho militar que não pôde encontrar-se com o pai por ter sido recrutado para uma missão. Com ele não haveria o problema, “eu sou civil, eu estou cá sempre. Basta ligar. Talvez para o próximo ano ele venha. Ele sabe que me deixou cá”.

António está conformado de que não verá o filho. Da viagem levará ao menos aquela visita à sua casa, o conhecer os netos, os comentários bondosos que ouviu acerca do rapaz.



“
Somos o símbolo
do que aconteceu
de mal com os
portugueses.
Todos os erros
do português
vão contra nós,
mulatos. Eles
confundem tudo

Decide que para o resto da estadia em Luena andará acompanhado pelo neto mais velho, de 16 anos, o Andrade, que fará as vezes do filho. Num dos dias em que passa para levar Andrade a passear, a nora diz-lhe, logo à chegada, “ele vai vir”. António, já com o neto à sua frente, não percebe a insistência da frase, do “ele vai vir”, se ele já veio, se ele já ali está consigo, problemas de linguagem. E depois Julieta insiste e diz: “O Paulo vai vir.” E António a não perceber quem é aquele Paulo que vai vir, ele conhece o filho por Jorge, nem lhe ocorre que o filho tem Paulo no nome, é Jorge Paulo Bento. Mas depois percebe. E ele agora acredita de novo.

António torna a entrar no bairro Alto Luena aclamado por vozes que gritam, de novo, “é o papá”, como ele se tivesse tornado uma personagem sem nome.

O comandante Bumba sorri, com bonomia, aceitando o mérito de facilitador do final que afinal se adivinha feliz daquele seu subordinado que ele conhece muito bem, porque, dá-se o caso, também é seu cunhado. “Nós confirmámos que era a realidade: realmente o senhor chegou para procurar o seu filho, que procura há quase 40 anos.” E “houve chefias em Luanda que foram compreensivas e disseram: ‘Mandem lá o homem’.”

Jorge foi então mandado de avioneta militar de Luanda de propósito para vir conhecer aquele pai, explica o comandante. “Não chegou a partir para a missão. Ele nem ia ser um bom elemento, já não ia bom da cabeça.” Mas, explica o comandante Bumba, o Jorge



No último dia que passaram juntos foi organizada uma festa. António quis cozinhar: “Quero que o meu filho coma pela primeira vez uma comida feita pelo pai”

“teve de explicar e se implicar”, para que se perceba que o mérito não é só seu, é do filho que lutou para vir ver o pai. “Ele não queria ir sem ver o pai.”

Em Portugal, António teve muito tempo para imaginar aquela cena, viu-a de muitas maneiras. À Hollywood, o Jorge e os colegas em formatura e ele a chegar e interromper a ordem e o filho sair da formatura ao seu encontro. Ou visualizou cenários mais pragmáticos: encontrarem-se os dois numa rotunda de que ele lhe falou, ou o filho a ir buscá-lo ao aeroporto de Luena, talvez acompanhado. Mais do que o cenário, tinha-se perguntado como aquele filho o receberia. “Será que ele é frio? Será que se vai emocionar? Será que eu me vou emocionar?”

No meio da multidão de mulheres e crianças que aguardam António, vê um rosto que é o da fotografia tipo-passe, mas que agora está colado a um corpo vestido com a mesma farda negra que os homens do quartel onde ele foi bater à porta, um *walkie-talkie* agarrado à perna direita, a arma presa ao lado esquerdo, cabelo rapado, mais claro do que os colegas, com olhos verdes límpidos, com pestanas longas e reviradas. Tão parecido com o pai de António.

Quando se levanta, o filho de António, que é pouco mais alto do que o pai, diz, quase inaudível e por duas vezes, “sou eu mesmo, sou eu mesmo” – palavras desnecessárias, inúteis, mas as poucas que conseguirá dizer. António diz: “Eu sei.” E é o filho o primeiro a estender-lhe a mão, os braços.

A multidão tinha gritado “beijo, beijo, beijo”, mas pai e filho abraçam-se e António começa a chorar. Jorge não. Repete ao pai “não chora, pai; não chora, pai”. Passados poucos minutos sai-lhe pela primeira vez um “papá”.

A assistir estão colegas, está o comandante Bumba, como uma figura tutelar, estão os quatro filhos (netos de António) que ele já conheceu, está o bairro. E, como um coro de uma tragédia grega, um homem bêbado interrompe e grita o que ali se está a passar, como que um resumo da acção: “Guerras e guerras, problemas e problemas, hoje o pai apareceu. Não é fácil!”

“SOU EU MESMO”

Quando Jorge disse ao pai “sou eu mesmo”, é como se não tivesse pendurada na farda uma placa metálica com o seu nome completo escrito a maiúsculas, JORGE PAULO BENTO, como se fosse preciso identificar-se. Foi o que lhe saiu.

Quem ouvisse as palavras de Jorge, apenas as palavras que ele disse ao pai, ouviria “foi um grande prazer, foi um grande prazer. Eu não contava”. Talvez achesse, de novo, que eram demasiado formais, pelo menos em contraste com o tanto que disse António, que foi quase só quem falou. “Hoje sou um homem feliz, acredita. Já posso morrer descansado.”

No dia seguinte, mais descontraído, Jorge há-de confessar que se não fosse homem não

teria aguentado aquele momento. “Eu não caí quando vi o meu pai porque sou homem, sou um pilar, fico sempre em pé.” “Um homem não chora, um homem jorra por dentro. Mesmo quando a minha mãe morreu não chorei”, orgulha-se. Esperança morreu em 2005 de uma doença que nunca foi identificada.

Não será por lágrimas nem pelas palavras que diz ao pai que saberemos o que Jorge está a sentir. Mas António sentiu a mão do filho a tremer quando se tocaram. Naquele volume que o pai fez para ele, Jorge disse ao pai que sentiu “amor”, usou esse termo, “aquele livro tem significado. Vou ler esse livro, muito, muito”. “Afim de contas, ele... Somos tantos, muitos perdidos, eu receber o pai de longe à procura só de mim...”

António veio dizer-lhe a sua data de nascimento, veio dizer-lhe que nasceu na enfermaria do quartel português e não em casa, “porque foi um parto difícil”. Jorge gostou muito de ouvir do pai que “o pai gostou da mãe”, no livro vem escrito que “a mãe Esperança é a mulher que eu amei”. “Havia portugueses que só queriam satisfazer as suas necessidades”, gostou de saber que ele “não foi apenas mais um tropa colonial”. António diz-lhe que queria muito dar um abraço a Esperança, “agradecer-lhe por ter criado sozinha”.

O pai veio dizer-lhe o nome dos seus avós, Maria José Carita Reinho e Júlio de Graça Bento, que estão na certidão de nascimento que vai usar para registar o nome do seu pai, veio mostrar-lhe fotos de uma mãe em nova que ele não conhecia, numa delas apontou-lhe para a barriga, dizendo-lhe “tu já estavas aqui”.

FILHO DE “UM PORTUGUÊS”

Aos colegas, Jorge pouco contava sobre as suas origens. Era óbvio, pela cor da pele mais clara, que o seu pai era um branco. Ele é o único mulato da corporação em Luena, por isso o alcunham de “Pula”, porque para muitos é como se fosse branco. Quando se esquecem do seu nome, é isso que lhe chamam, ou então “Russo”.

Terá adiantado a alguns que o pai era “um português”. Mas não entrou em pormenores. “Eu não sabia se o meu pai existia.” Quando diz “existir”, quer dizer se ainda vivia.

Mesmo falando pouco sobre o pai, ouviu muito por ter esse pai desconhecido. Alguns angolanos dizem-lhes, a filhos como ele, “os vossos pais nos maltrataram, colonizaram-nos e vocês ficaram aqui?”. “Somos o símbolo do que aconteceu de mal com os portugueses. Todos os erros do branco vão contra nós, mulatos.”

Jorge diz: “Eles confundem tudo.” O que é que ele e outros como ele, “alguns filhos perdidos que nem o nome do pai português sabem designar”, têm que ver com o tempo colonial? “Quando eu nasci, já não estavam cá portugueses. Eu não vi a colonização. Nós somos inocentes.”

Seria fácil reagir violentamente quando o insultam chamando-o “esquebras [sobras] do branco” ou “filho do colono”. “Eles obrigam-nos a chegar a um ponto...”, mas ele teve toda uma vida para se habituar. Esse tipo de comentários entrou numa normalidade que aprendeu a tolerar. “Vejo como coisa normal. Não dou tempo. Levo na brincadeira. Não gosto de lutas. Evito.” Bem diziam os colegas de Jorge ao pai, “ele não entra em confusão”.

Nos arredores de Luena, António viu um acampamento verde-caqui de desminagem. Perto, duas crianças pequenas, da idade dos seus netos, brincam. São restos de uma vida em guerra que não teve tempo de ser arqueologia, está ainda à superfície. A paz definitiva

chegou com a assinatura do memorando do Luena, a 4 de Abril de 2002. Foi nesse ano, tinha Jorge 27 anos, que conseguiu tirar o seu primeiro bilhete de identidade.

Jorge foi criança com barulhos de explosões e tiros ao perto. “Aquilo é que era a guerra, não sabia que era o meu futuro. Queria estudar.” Tem tatuado no braço a palavra “Alex”, o nome do herói de um dos filmes americanos de guerra que conseguiu ver quando tinha uns 12 anos. Era uma aventura de vida ou morte ir às matinés de fim-de-semana do Cine-Luena, às 18h00. “Era um risco vir do bairro, às vezes matavam miúdos.” O Alex do seu braço “era um combatente. Quando mata todos, liberta a sua família e fica tudo em paz”.

O pai explicou-lhe que na guerra colonial as comissões dos militares portugueses como ele duravam por norma dois anos, dos 22 aos 24 no seu caso, era uma viagem à guerra. A guerra de Jorge continuou e ele lutou até ter de ser. “Combati muito. Ver colegas a morrer é muito difícil. Uns pela guerra, outros pela fome.”

Os seus tios Carmona e Barnabé, irmãos da mãe, morreram juntos. Eram professores e saíram da cidade com um grupo que levava bens para trocar por mandioca. “Só iam para ter alimentação.” Alguém disse “esses são professores, são do MPLA, foram mortos a tiro numa emboscada da UNITA”. Com a morte dos tios, um com 40 anos, outro com 41, “fiquei vazio”, mas também “me deu mais bravura, quando encontrava a parte deles”. Refere-se à UNITA, mas nem isso era claro na altura.

Jorge cresceu num mundo em que nada é o que parece ser e lembra que às vezes punham os do MPLA num helicóptero. “Pensávamos que íamos para outra província mas tínhamos sido vendidos à UNITA pelos generais. Tudo é negócio dos generais”, diz com um tom desaffectedo, apontando para o lugar das patentes nos ombros. É sem ponta de sarcasmo que diz que, “era como um atleta, de uma equipa para outra”, só que não eram eles que escolhiam a equipa.

Não foi fácil entrar para a Polícia de Intervenção Rápida em 1994, e foi de alguma forma o que o protegeu de uma guerra ainda mais dura. A PIR esteve presente na operação que acabou por resultar na paz, a morte de Jonas Savimbi. Ninguém toca na chapa metálica, que continua na berma da estrada onde o corpo do líder da UNITA esteve exposto, debaixo de uma árvore mulembeira. “Depois de matar o dr. Savimbi, tudo ficou calmo”, diz Jorge. É o comandante e não o discreto Jorge quem diz que ele também esteve “nessa operação”.

Jorge e António estão agora junto ao monumento da paz em Luena, no jardim Lenine. “Aqui começou a guerra, aqui terminou”, diz Jorge. Há bancos de jardim em volta que convidam a sentar. Mas primeiro Jorge diz que é preciso ir pedir autorização, como se o monumento da paz fosse propriedade privada. Parece haver sempre alguém que manda e a quem é preciso pedir autorização, e Jorge tem isso na sua matriz.

Jorge tinha pedido férias para a vinda do pai, contou-lhe, mas a sua vida não lhe pertence, o seu trabalho é obedecer. Tem o cabelo rapado porque tem de ser; vive em Saurimo, afastado de Luena e da família, porque tem de ser; volta a casa de dois em dois meses porque tem de ser; foi seleccionado para esta missão porque tinha passaporte, porque “não podiam ir elementos que bebessem, indisciplinados”. Era apenas a segunda vez que ia para uma missão no estrangeiro. Porque tinha de ser. “Não é minha vontade. É obrigação do Estado. Só estou a cumprir ordens.”

Embora lhe tenham colocado a questão assim – “se fores ter com o teu pai, perdes

o emprego” –, pensa que os seus chefes não acreditaram verdadeiramente na sua história, “um pai vir de Portugal para ver o filho... Acharam que eu estava a mentir”.

Uns tempos antes ainda conseguiu convencer alguns colegas de que o pai existia mesmo – numa das vezes que lhe ligou pô-lo em alta-voz. “Era difícil dizer aos outros: estou a falar com alguém em Portugal que diz que é meu pai. Eu próprio quase não acreditei. Se eu estava em dúvida, imagina os outros. Pus alto.” Uns quantos acreditaram, dessa vez.

Mas agora teve de dizer aos seus chefes que esse homem que dizia ser seu pai tinha vindo de propósito de Portugal. “Eu não estava assim tão convicto de que era verdade, mesmo verdade.” Como é que era possível este pai vir só por ele? “Somos tantos aqui.” Reconhecem-se na rua, pela cor, pela idade sabe-se que são desse tempo e vê-se logo: “Esse também é filho dos portugueses.”

Não acreditaram que o pai estava em Angola, como não acreditam muitas vezes quando algum militar diz “morreu o meu pai”, “morreu a minha mãe”, “tenho um familiar muito doente”. “A família tem de ir à PIR, pelo telefone não acreditam.” Depois, é preciso que no quartel alguém se digne mandar alguém a casa da pessoa para se certificar de que é verdade. “O processo demora e quando chega a licença às vezes a pessoa já morreu.” O mundo de Jorge não é feito de atestados médicos e certidões de óbito, como em Portugal, o que têm por certo é a desconfiança. Por isso, no início, ele próprio desligava o telefone àquele homem que lhe ligava a dizer que era amigo do pai.

Cara a cara com António, pede-lhe desculpa por ter desconfiado do seu amigo que, diz-lhe o pai agora, morreu entretanto, com febre tifóide. “Morreu o Caçador? É muito triste. O Caçador teve paciência.” Jorge diz que o desprezou, alguns telefonemas acabaram mal. Depois percebeu que era verdade. “Eu senti uma emoção. Eu me desculpei a ele.”

Jorge ainda teve mais dúvidas quando o pai lhe disse que vinha a Angola. “Falo com ele mas não conheço ele, um dia virá mesmo?” Afinal, o que sabia Jorge deste seu pai? Que anda há quase um ano a dizer pelo telefone que o vai visitar. Pensou que talvez ele não quisesse mesmo vir. Quando o pai lhe disse que tinha o bilhete de avião comprado, continuou a duvidar: “Eu achei no meu espírito que alguém o estava a obrigar a vir, não pensei que fosse vontade, que ele quisesse mesmo vir.” Só podia ser. Era uma pergunta que tinha ensaiado para lhe fazer: quem te obrigou?

Mas depois ele apareceu mesmo e, quando o conheceu, aquela pergunta e outras que tinha ensaiado perderam sentido. Só de o ver, “eu senti no meu espírito que era ele, que aquele homem era meu pai”.

ZITO

Vive dividido nestes poucos dias junto com o pai, quer muito estar com ele, mas também quer muito ir mostrar que tem pai. Que ele é real. Quer muito levar uma foto impressa do pai sentado no sofá da sala da sua casa com a mulher e os quatro filhos ao lado, já não há tempo, mas vai levar o livro como “o comprovativo”.

Já imaginou a cena, ele na formatura, a pedir para sair, com o livro-prova na mão, a mostrá-lo a todos os colegas que não o quiserem crer. “Alguns vão-se arrepender de não ter acreditado.”

Jorge tem um ar triste. É como se mesmo emocionado tivesse de estar em sentido, a farda a camuflar-lhe a fragilidade. No dia seguinte haverá uma festa ao ar livre que firmará



Só no final da sua viagem é que António soube que afinal ia conseguir conhecer o filho que sempre teve o seu apelido, Bento, sem saber muito bem porquê



aquela união entre pai e filho. É no meio do campo, debaixo de um jango, na véspera foi morta uma cabra do campo, vieram meninas e crianças para descascar legumes, fazer lume e cozinhar.

Naquele momento, António pergunta se pode cozinhar para Jorge. Faz questão. “Quero que o meu filho coma pela primeira vez uma comida feita pelo pai.” Jorge apenas ouve, retraído com aquele pai emotivo, que chora, que diz que quer cozinhar para ele, que de vez em quando irrompe num “dá cá um abraço”.

Enquanto o pai cozinha uma carne à jardineira, Jorge anota silenciosamente numa pequena folha de linhas a receita do prato em seis passos – “cebola, tomate, alho, pimento, cenoura, carne”. António vai dizendo o que faltaria, “lá em Portugal meto louro, azeite português e ervilhas”. Serafina é uma das meninas que foram trazidas para a festa para cozinhar, está a descascar batatas e

a olhar espantada para António, “o avô está trabalhando”.

Parece que Jorge não sabe o que fazer consigo, com o seu corpo em sentido, estala muito os dedos, humedece os lábios, talvez com o desconforto de tanta atenção. Continua fardado neste dia de festa, ouve o que lhe diz o pai, que lhe explica que é do Alentejo, que ele já tinha visto escrito em garrafas de vinho que se vendem em Angola, “uma zona de Portugal onde as pessoas são muito calmas”. Escuta-o sem nunca fazer perguntas, com respeito de menino.

É como se Jorge voltasse a ser uma criança. E por mais que tenha respondido que prefere ser chamado por Jorge em vez de pelo diminutivo Zito, que é como a família o trata, e “é o nome que a minha mãe me deu em bebé, quando eu chorava muito”, que ele agora é adulto, é como se à frente de António ele se sentisse Zito. E é como António insiste em tra-

tá-lo, porque assim é “como se o conhecesse desde pequenino”.

Está a chegar ao fim este dia, um dos dois e meio que passará com o pai. “Podia ter sido uma semana, eu podia logo ter vindo para cá”, diz no que não chega a ser um queixume. “Este tempo é pouco mas chega, este tempo estica, esta maravilha. É um momento que nunca vou esquecer. Fica já em mim.”

A despedida foi combinada. Zito não irá ao aeroporto de Luena despedir-se do pai, disse-lhe que não aguentaria a emoção, e António disse-lhe que também preferia. É uma despedida combinada entre dois homens. É melhor assim.

É época das chuvas e a festa ao ar livre da reunião entre pai e filho acaba numa bâtega. A despedida vai acontecer já de noite debaixo de chuva, o último abraço vai ser dado às escuras, dentro da casa de Zito, ninguém vê.

Quando passa por Luena, o comboio dos

caminhos-de-ferro de Benguela, reconstruído depois da guerra civil, apita muitas vezes durante a noite, acordou-o. António estava a sonhar com o filho. No seu sonho, Zito já não era uma foto de rosto, era já ele todo, de corpo inteiro, sem farda, a três dimensões, com os olhos verdes e as pestanas longas e reviradas, o nariz e a boca tal e qual o seu próprio pai. No seu sonho, era como se conhecesse o filho desde sempre, embora o tenha encontrado apenas há dois dias.

● Com o apoio da TAP Air Portugal

A reportagem em Angola foi financiada no âmbito do projecto **Público Mais** publico.pt/publicomais



A MULHER MAIS INTERESSANTE DE QUEM NUNCA OUVIMOS FALAR

The D já tem 55 mil horas gravadas, desde anónimos a cantar em pizzarias a celebridades, sempre com Detroit, a cidade natal da compositora Allee Willis, em pano de fundo. Na sua casa, conhecida como Museu do Kitsch, há de tudo, seguindo um lema muito próprio: “Mais é mais.” **GEOFF EDGERS** TEXTO **BRET HARTMAN** FOTOGRAFIA

Oh, meu Deeeus”, lança Allee Willis. Tem à sua frente uma visita que nunca tinha ouvido falar de Bubbles, o seu alter ego – uma artista conhecida pelo seu cabelo despenteado, por usar uma mistura de cores enjoativas e pelas suas tiradas quase ofensivas. Lily Tomlin, uma colecionadora dedicada, chegou a dizer que ela era “a maior artista do nosso tempo ou de qualquer outro”.

E Bubbles é só uma parte. A casa Willis é conhecida como o Museu do Kitsch, um palácio cor-de-rosa repleto de pentes africanos por estrear, *puzzles* do *Barco do Amor* e televisões da era espacial. No seu centro está uma compositora de 67 anos, vencedora de um Grammy, pioneira da Internet e organizadora de festas, que nos vem dar as boas-vindas à porta, com o seu cabelo encaracolado – comprido de um lado e curtinho do outro – por baixo de um boné vermelho.

Actualmente, Willis está a engordar o cur-

rículo. Tem trabalhado numa música, vídeo e filme inspirados na sua cidade natal, Detroit.

Chama-se *The D* e o processo criativo que rodeia a música tem estado livre de intermediários. Não houve sessões confortáveis em nenhum dos muitos estúdios de Los Angeles. Em vez disso, levou a sua equipa para a estrada e registou cerca de cinco mil – não é força de expressão – faixas. Desde pessoas normais a cantar em pizzarias e campos desportivos de liceu a celebridades com uma ligação à cidade, incluindo [os músicos] Maejor e Ray Parker Jr., a juíza do Supremo Mary Wilson e [a cantora e política] Martha Reevez. Claro que é um castigo fazer as misturas.

“Foi impossível ouvir as cinco mil gravações de uma só vez”, diz Willis. “Não há nenhum programa que nos permita fazer isso.”

Alguma vez pensou em gravar menos?

“Olhe à sua volta”, responde. “O que é que acha? Nunca nada é de mais.”

Aí ela marca um ponto. No Museu do Kitsch, a sua casa desde 1980, o sistema habitual parece ser “mais é mais”. Mesmo que Willis se queixe

do volume de gravações que ela e a equipa têm de analisar, continua a acrescentar coisas ao projecto. Dina Duarte, que costumava fazer as limpezas, é já uma antiga assistente. Tem uma Sony Handycam na mão, sempre a filmar tudo. E isso inclui um canalizador a ser chamado para um serviço ou um tratador de árvores a subir às palmeiras. Recentemente, Willis filmou os acontecimentos que rodearam a sua cirurgia para a substituição da anca – pelo menos o que conseguiu. “Estamos aqui por causa da tua saúde”, disse-lhe a sua companheira, Prudence Fenton, acabando com as filmagens do dia. “Não sou a tua *cameraman*.”

A sua energia infindável, o alargado círculo de amigos e a personalidade artística não evitam que haja também um toque de melancolia quando tenta explicar porque é tão obcecada em juntar tanta coisa, o tempo todo. Refere que no seu testamento exigiu que a casa fosse preservada exactamente como está actualmente, incluindo o recheio das gavetas e as taças de rebuçados que há em cada divisão.

“Um dia, alguém vai dar de caras com esta







tralha toda e dizer ‘oh, esta miúda tinha cabeça’, afirma. “Talvez as pessoas fiquem finalmente a saber quem eu sou.”

Tem alguma razão. Allee Willis não é um nome que toda a gente conheça. Mas o seu trabalho sim. Basta colocar o seu nome num motor de pesquisa, entrar no seu *site* na Internet ou ir à base de dados BMI. Como compositora de canções, tem alguns *hits*, desde *Boogie Wonderland* cantado pelos Earth, Wind & Fire, a *Neutron Dance*, das Pointer Sisters, ao seu último êxito, *I’ll Be There For You*, conhecida como a música da série *Friends*.

Também dirigiu os seus próprios vídeos, construiu cenários para *Just Say Julie*, um programa da MTV, tinha uma coluna na revista *Details*, foi co-autora da adaptação para musical de *Cor Púrpura*, que esteve na Broadway entre 2005 e 2008 e que será reposto ainda este ano.

E ainda há Willisville.

Na década de 1990, Willis passou anos a tentar construir uma comunidade *online* que juntasse redes sociais e lojas *online*, ainda antes de aparecer o Facebook e o eBay. O chefe executivo do projecto foi Mark Cuban, empresário do entretenimento e futuro proprietário da equipa de basquetebol Dallas Mavericks. Cuban diz por *email* que a “criatividade [de Willis] vai além de qualquer coisa que eu alguma vez vi”.

agora *The D*. É a cidade onde ela cresceu. Gregory Beard, dono de um restaurante de Detroit, o *chef Greg*, ficou a conhecê-la depois de ela lá ter ido várias vezes. Vê a canção como uma espécie de grito de união. “Queremos que todos se juntem e que a cantem, como o *We Are the World*, diz. ‘*We are ‘The D’*.”

Claro que um grito de união precisa de um vídeo a acompanhar. E onde há vídeo há mais

Pioneira da Internet, anfitriã de muitas festas, compositora do *hit Boogie Wonderland*, dos Earth, Wind & Fire, e da música da série *Friends*. Willis não cessa de criar e só pede que lhe preservem a casa para todo o sempre tal qual está, um museu do kitsch

vídeo. Jason Ryan Yamas, um produtor de cinema independente de 29 anos, aceitou ser co-director de um documentário intitulado *Allee Willis Loves Detroit*. Espera ter uma montagem até ao final do ano.

Tomlin, amigo de longa data e também nascido em Detroit, não fica surpreendido por Willis ter mergulhado tão fundo neste projecto. É assim que ela trabalha. Para além disso, acha que há uma relação natural entre a amiga e Detroit, uma cidade que gerou tanta criatividade, entrou em colapso e que agora está a tentar reanimar-se.

“A mentalidade é não desistir, uma espécie de ficar por ali o tempo que for preciso”, diz Tomlin. “Ela encontrou um sítio onde consegue regenerar-se, onde consegue ter quase tudo como quer. Já sabíamos que Detroit era uma grande cidade, como era real e determinada, e claro que vai voltar a ser.”

Willis cresceu em Detroit, na Sorrento Street, como a mais nova de três irmãos. A mãe, Rose, dava aulas ao primeiro ano, fazia umas almôndegas especiais chamadas *Satérites* (feitas com arroz) e deixava a filha pintar com os lápis de cor. O pai, “Big Nate”, dirigia uma sucatas, chamava-a *Cookie Dook* e adorava dançar com ela quando chegava do trabalho.

Willis teve sempre uma relação com a música. Marlen Frost lembra-se de pôr *The Maharajah of Magador*, o singular *hit* de Vaughn Monroe, quando a irmã não tinha ainda dois

anos. “Há uma parte em que há uma voz em *false* e ela punha-se à frente do gira-discos a cantá-la”, diz Frost, sete anos mais velha. “Aquela vozinha aguda fininha. Eu tinha de pôr o disco umas 20 vezes por dia.”

Tudo mudou para Willis no Verão de 1964, mesmo antes do último ano de liceu. Rose ficou doente e foi para o hospital. Morreu uns dias depois com um problema cardíaco não diagnosticado. Algumas semanas mais tarde, “Big Nate” enamorou-se da mãe de uma das amigas de Allee. Basicamente deixou de aparecer em casa, até trazer a futura madrastra. Depois de Nate voltar a casar, ele e a nova mulher deitaram fora todas as fotografias e objectos da família. Willis acha que o desejo da madrastra de varrer da memória a Sorrento Street foi o que originou o seu desejo compulsivo de documentar a sua vida.

“Tenho três coisas da minha infância”, diz. “Tenho um boneco Ben Casey [personagem de uma série televisiva famosa sobre médicos da década de 1960]. O meu tem um pequeno buraco no coração porque eu queria sair com uma pessoa e ele não quis sair comigo e por isso eu espetei um alfinete no boneco. Tenho a aparelhagem que estava na sala de estar. E a minha máquina de escrever, que comprei quando tinha 13 anos. Uma *Royal* vermelha e branca.”

Quando a família se desmoronou, Willis não se retraiu. Na Universidade do Wisconsin, onde se licenciou em Jornalismo, com uma especialização em publicidade, em 1969, os amigos recordam-na como alguém que era o centro das atenções. Foi para Nova Iorque, entrando na indústria musical como *copywriter*. Começou a coleccionar e a decorar o seu apartamento com mobília abandonada. “Ela sabia os horários e as rotas das carrinhas que recolhiam coisas pesadas”, recorda a amiga Connie Zalk. “Saía à meia-noite e encontrava aquelas mobílias fenomenais.”

Willis conseguiu um contrato com uma discográfica em Nova Iorque e no ano épico de 1974 estreou-se com o seu *Childstar*, um álbum de cantautor que se integrava no estilo de Laura Nyro, James Taylor e Carole King. Mas impôs-se e pouco tempo depois começou a escrever para outras pessoas. Muito. Na BMI.com existem 599 títulos registados com o seu nome. Venceu um Grammy pelo trabalho na banda sonora de *Beverly Hills Cop*, teve sucesso com o tema de *Friends* em 1994 e tem o seu nome em sete das nove canções do álbum *I Am*, de 1979, dos Earth, Wind & Fire, incluindo *Boogie Wonderland*, que entrou para o *top 10*.

“A noite entra muito devagar nos corações dos homens que precisam de mais do que aquilo que conseguem ter” – o vocalista dos Earth, Wind & Fire, Philip Bailey, cantarola uma parte do *hit* ao telefone quando se pergunta sobre Willis. “A coisa fantástica da Allee é que ela escreve para o artista especificamente. Não faz uma coisa que serve para toda a gente.”

Na Califórnia, começaram as festas. Era possível encontrar [os actores] David Cassidy e Paul “Pee Wee Herman” Reubens, Buck Henry e Cassandra “Elvira” Peterson. Às vezes, pedia-se aos convidados que trouxessem uma comida – e que se vestissem como o prato de traziam. “E já sabíamos que seríamos humilhados”, conta a actriz

Lesley Ann Warren, uma amiga de longa data. “Ela iria apontar para nós e obrigar-nos a participar num jogo maluco ou a cantar uma música. E tudo era fotografado. Já estávamos à espera. As pessoas que se sentiam atraídas pela Allee e as pessoas que a queriam conhecer e que acabavam por conhecê-la sentiam-se confortáveis no mundo dela.”

Num dia de semana recente, esse mundo é tradicionalmente louco. Pega num iPhone para dizer a um dos seus colaboradores que vá buscar outro disco rígido. Está a trabalhar com o colaborador musical Andrae Alexander, com uma parede de discos de ouro e platina por trás, numa das partes de *The D*. Vai ter com outro assistente ao outro lado da sala, que está a editar o vídeo. Também vasculha os arquivos para mostrar *clips* de James Brown, dos anos 1980, dela a cantar um tributo improvisado ao seu cão, *Orbit*, e de Tomlin a louvar Bubbles numa inauguração numa galeria de arte. Claro que, enquanto ela percorre o vídeo, Duarte vai filmando o momento, com a sua *Handycam*.

Quanto tempo de filmagens já tem para o documentário de Detroit?

55 mil horas, insiste.

Quanto dinheiro já gastou no projecto?

Mais de 600 mil dólares (511 mil euros).

“Agora estamos também a tentar arranjar dinheiro”, diz Willis. “A mamã ficou sem dinheiro.”

A frase traz implícita uma crítica de Fenton, a sua parceira há quase 22 anos. (Claro que se conheceram numa festa de Reubens.) “Antes era, ‘vou perder a minha casa’”, ri Fenton. “Bom, já acabou de pagar a casa. Acho que todos os amigos ouviram a conversa sobre como ela estava falida. Ela não pode estar falida.”

Fenton faz uma pausa. Depois perguntamos-lhe porque é que adora estar com Willis, ainda que a sua relação não seja convencional (não vivem juntas, só para dar um exemplo).

“Tanta alma e coração”, responde. “Ela consegue partilhar as coisas mais pequeninas. A beleza de um tipo de verde ou um pequeno terreno baldio, o que quer que esteja à sua frente. Ela está tão presente no momento. Nada mais importa.”

● Exclusivo PÚBLICO/The Washington Post

Colecção Agatha Christie

ASA

A nova colecção da romancista
mais vendida da história.
Não é preciso ser Poirot
para descobrir quem é.

O Público faz uma homenagem à rainha dos romances policiais com a Colecção Agatha Christie. Não perca o terceiro livro, onde Poirot irá investigar o assassinato de um aristocrata, num caso recheado de suspeitos. A começar pela sua mulher... Seria um crime não aproveitar esta oportunidade.



Colecção de 8 livros. PVP unitário: 5,90€. Preço total da colecção: 47,20€. Periodicidade semanal ao Sábado. De 13 de Junho a 1 de Agosto de 2015. Limitado ao stock existente. A compra do produto implica a aquisição do jornal.

+5,90€
SÁBADO, 27 JUN
COM O PÚBLICO
P

PAOLO VECLANI, LORENZO CERETTA



ISABEL GORJÃO HENRIQUES

A água, o elemento mais elementar da natureza, corre em circuito no espaço dedicado à higiene, o da casa de banho.

É uma zona da casa que se liga ao mundo, à cidade e às suas infra-estruturas e é com elas que evoluiu ao longo dos tempos. Apesar de os romanos terem tido já implementados sistemas de canalização, de escoamento de águas, passaram-se muitos séculos até a água poder correr no circuito doméstico do modo como hoje o conhecemos – à distância da abertura de uma torneira ou do puxar de um autoclismo.

A casa de banho é hoje uma estrutura imprescindível no cenário doméstico, que responde a necessidades básicas. Mas não foi sempre assim. A implantação de equipamento apropriado como a banheira, o lavatório e principalmente a retrete exige condições estruturais de canalização que nos seus primórdios obrigaram à sua localização em lugares da casa indefinidos, e só no século XX se generalizou o seu estatuto de compartimento individualizado.

Os próprios costumes ligados à higiene sofreram alterações ao longo dos tempos até se tornarem uma prática (desejavelmente) diária. Os hábitos ainda hoje variam de cultura para cultura (mesmo dentro dos limites do espaço europeu), e o conceito de higiene não é universal, o que leva a diferenciações na tipologia deste espaço. A casa de banho tanto pode englobar as várias funções como subdividir-se. O bidé, que em Portugal tem legislação própria que obriga à sua instalação, é um objecto inominável para um norte-americano.

Também a definição tipológica do banho tem a fascinante dualidade ligada à sua prática, exercida em domínios diametralmente opostos do público (nos banhos colectivos, inseridos na comunidade) ou do privado (na esfera doméstica) e de circunstância, lúdica ou funcional. E foram sobretudo as questões funcionais que determinaram primeiramente o carácter da casa de ba-

nho, em que o ambiente se aproximava mais ao de espaço técnico. O século XX deu resposta em termos funcionais, ergonómicos e tecnológicos às especificações exigidas para o uso diário de peças integradas num espaço, em que a água é o habitante mais assíduo e o mais exigente.

A banheira, peça hoje tão comum, levantou questões técnicas que atrasou o processo do seu desenvolvimento; como a fundição de uma peça única de grande dimensão, que não apresentasse qualquer hipótese de racha e que não fosse muito espessa e pesada, ou o problema da erosão causada pela água quente, que destruíra qualquer acabamento dado a metais como o zinco, o cobre e o ferro. A introdução do acabamento esmaltado ao ferro, uma fina camada vítrea pigmentada, veio assegurar a resistência e durabilidade necessárias e definiu o processo de fabrico adoptado para uma produção em série, acompanhando o das porcelanas do resto das ditas louças sanitárias.

Estas peças individuais foram sendo gradualmente incorporadas e embutidas num espaço que tendencialmente se tornava cada vez mais específico, definido pela homogeneidade, tanto em termos formais, como em termos de materialidade. A introdução de novos materiais e tecnologias permitiu variantes nas soluções, mas, como em tudo o que está ligado às funções básicas do ser humano, as tipologias mantiveram-se.

No entanto, esta área técnica da casa, tal como as cozinhas, tem vindo a ajustar-se às nossas vivências. Curiosamente, talvez por falta de mais espaço no interior doméstico e certamente por questões relacionadas com o culto do corpo e do bem-estar, foi sendo introduzido o conceito de espaço destinado a ser vivido como qualquer outra área da casa. É assim que inflecte o percurso de autonomização (por questões técnicas) a que primeiro estava sujeita a sua definição e se alarga a uma relação mais próxima com o espaço que o rodeia e com aquele que o usa, o habita.

CORTESIA DE BISAZZABAGNO



À esq., primeira foto: **Stand**, a linha desenhada pelo estúdio Norm Architects para a Ex.t. É inspirada na delicadeza do trabalho do ferro fundido, próprio dos ambientes vitorianos e da Arte Nova e Arte Deco, e na forma dos suportes usados para vasos de plantas, para conseguir transmitir uma ideia de leveza nas suas peças, quase como se fossem transportáveis. Produzidas em Living Tech® e metal com verniz mate www.ex-t.com

À esq.: **Nendo Collection**, desenhada pelo atelier Nendo para a Bisazza Bagno, é mais do que uma simples proposta para casa de banho. A banheira em madeira de riga traduz a ideia do contentor, do corpo e de objectos que se levam para o banho, neste caso a torneira, que aparece fixada no seu interior. A linha estende-se a peças que facilmente transitam para outros espaços e utiliza a madeira como material universal. Lavatório em Cristalplant® com estrutura em aço revestida a madeira de riga www.bisazzabagno.com

KRISTOFER JOHNSON



Side, linha de móveis-lavatórios desenhada por Fredrik Wallner para a Swoon. Um móvel que poderia estar em qualquer parte, mas que por acaso tem lavatório e torneira incorporados. Esta linha oferece várias conjugações possíveis e junta o lavatório da marca portuguesa Sanindusa com os puxadores em cortiça desenhados por Jasper Morrison www.swoon.se

CORTESIA LENZER PHOTOGRAPHERS



Ingrid, colecção de banho desenhada por Jean-François D'Or em colaboração com Frédérique Ficherouille e a equipa da Vika, a marca que a produz. Um conjunto personalizado com opções de combinações de elementos, materiais e cores www.loudordesign.be



MIAMI, UMA ESTREIA

1. Até à semana passada, o mais perto que tinha estado de Miami era a Barra da Tijuca. A Barra quer tanto ser Miami que deixou de ser Rio de Janeiro, embora oficialmente se mantenha como um bairro carioca. Aliás, fazendo justiça, a Barra não deixou de ser Rio de Janeiro. A Barra é o Rio de Janeiro que quer ser Miami. Nunca entendi o que é que no Rio de Janeiro podia querer ser Miami, sendo que também nunca tinha ido a Miami. Agora que fui continuo sem entender, mas pelo menos sei que a Barra não é Miami.

2. A Barra será Miami lá pelo ano 3000, disse um carioca com quem por acaso jantei ontem. É uma versão, apesar de tudo, otimista, porque na versão pessimista o problema da Barra não é só o que lhe falta mas também o que lhe sobra, como aquela torre monumental que saiu errada, e não dá para implodir ou corrigir.

3. Em suma, nunca pensei ir a Miami, e depois de morar no Rio de Janeiro pensei especificamente em não ir a Miami. Até que na semana passada tive de chegar a uma cidade mexicana para onde a ligação menos ruinosa era via Miami, com uma escala de 24 horas.

4. Onde ficar em Miami, tendo 24 horas na cidade, perguntei a um fã de Miami. Fã pelo menos o bastante para achar que isso nem é pergunta: Miami Beach, claro.

5. Eu nem sabia que Miami Beach era uma cidade diferente de Miami.

6. Fui à Wikipedia: Miami Beach não só é uma cidade diferente como começou antes de Miami, quando uns tais Henry e Charles Lum, pai e filho, decidiram comprar aquela língua de areia oceânica ao preço de 76 cêntimos por acre. Um acre são 4000 metros quadrados, portanto uma pechincha, mesmo considerando que isto se passou em

66
Os restaurantes dão lugar a casas com pátios tropicais, com placas como "The Marquesa, built in 1935". Hemingway pode ter parado aqui a acender um charuto

da praia, e se eu apanhasse um autocarro no aeroporto saltava à porta por 2,65 dólares. Aterrei com cinco horas de *jetlag* e dois pés atrás, embirando com tudo, desde o tapete que desliza ao longo de um mural de flores coloridas formando frases dos Beatles, tipo ALL YOU NEED IS LOVE, ALL TOGETHER NOW. América, a tua infinita fé na felicidade. Eu partira de Lisboa às dez de manhã, voara mais de oito horas e ainda era hora de almoço. Toda uma tarde em Miami quando eu só queria dormir. Foi então que saí do ar condicionado.

8. Mormaço. Downtown de arranha-céus, asfalto, ponte, mas tudo isso envolto num mormaço tropical, com palmeiras, acácias-rubras, a vida de havaianas. O autocarro dobra para a Indian Creek Road, eu salto na esquina com a Rua 27 e dez

1870. Seis anos depois, a primeira construção foi um refúgio para naufragos. Seguiram-se coqueirais, desbaste de mata, canais para transportar as colheitas, plantações de abacate, tudo isto até alguém olhar como deve ser a praia. Quando veio a II Guerra Mundial, já Miami era uma espécie de Riviera Americana, centenas de casas, prédios e hotéis que hoje são um clássico da arquitectura Art Deco.

7. Perguntei a uma outra fã de Miami se tinha alguma sugestão menos clássica, definitivamente abaixo de 50 dólares. Ela tinha, e a um quarteirão

minutos depois do *check in* uma brecha no meio dos prédios abre para um passadiço entre dunas brancas, com uma tira verde-jade por cima. É o Atlântico tropical, com ondas mas quente, praia quase deserto na véspera de Santo António. Nem o vento arreperia.

9. Bem abaixo de 50 dólares foram na verdade 28, quase um quarto individual, já que as duas chilenas que o partilhavam só se deitaram à hora a que acordei com as mesmas cinco horas de *jetlag* e menos um pé atrás.

10. Às sete da manhã de sábado, a Indian Creek Road desagua silenciosamente na Collins Avenue, a paralela à praia onde os hotéis têm cumes cinematográficos. Torço o pescoço para ler: DELANO. Soa uma campainha, embora eu não seja capaz de dizer qual. Talvez daqui a nada haja limusines, multidões, por enquanto nada. Entre os hotéis, um jardim com museu e biblioteca pública, anúncios do Memorial do Holocausto, um mendigo a dormir no chão, montras com biquínis *stars & stripes*, *scooters vintage*, pranchas de surf. Se nada é a preto e branco quando chegamos perto, Miami também não ia ser. Entre morar aqui para sempre e cortar já os pulsos é possível dar um passeio.

11. Inventei como destino o Flamingo Park porque é uma grande mancha verde no mapa. Então volto na Espanhola Road, que tem aquele ar das ruas de restaurantes na manhã seguinte, como se o eco da multidão ainda pairasse sobre as mesas, algures entre a Brazilian Food & Tapas e a Havana 1957 Cuban Cuisine. Ainda bem que não são sequer oito da manhã.

12. Os restaurantes dão lugar a casas com pátios tropicais, com placas como "The Marquesa, built in 1935". Hemingway pode ter parado aqui a acender um charuto, já que se mudou para Key West em 1931 e morou lá dez anos. Se alguma vez voltar a Miami por mais de 24 horas, vou a Key West.

13. Esquilos trepam às árvores, filhos jogam ténis, pais cobrem os carros não vá vir uma tempestade, eis todo o movimento neste interior de Miami Beach. Mas, eureka, como bem lembra a sinagoga Emanu-el, e depois dela cada edifício nomeado a partir da família judia que o patrocinou, para boa parte da população é simplesmente *shabat*.

14. Viro na Rua 12 de volta à costa. Rua 12 já é South Beach, onde a paralela ao mar se chama Ocean Drive. Cada quarteirão tem um passadiço que leva à praia, com uma cancela que fecha entre a meia-noite e as cinco da manhã, suponho que para impedir gente de dormir na praia. Está quente o bastante para isso, mesmo a esta hora. Mas não há mais gente do que lá fora. Tractores passam a alisar a areia. Rapazes montam as espeguiçadeiras dos hotéis. E tudo, como em toda a parte em Miami, está escrito em inglês e espanhol.

15. Fui e vim do México, e o que me esperava no aeroporto de Miami era um Boeing 777 cheio de brasileiros e de malas de 32 quilos, duas por passageiro, fora bagagem de mão. Quando chegámos a São Paulo, deu-se uma estranha divisão, enquanto eu e uns gatos pingados saímos para a recolha de bagagem, centenas seguiram pelo corredor dos passageiros em trânsito. Deviam ir todos para a Barra da Tijuca.





IAN BOSTRIDGE

A credito que Schubert possa ter morrido mais cedo comovido pela tristeza depois de haver escrito o ciclo de canções *Winterreise*. Alguém o afirmou e podemos concebê-lo facilmente. Padecendo de sífilis, abateu aos trinta e um anos de idade, deixando largas centenas de canções e um grande número de outras peças que o colocam como gênio na constelação dos compositores do mundo.

Ouvi primeiro o ciclo *Winterreise* nas versões perfeitas de Dietrich Fisher-Dieskau, barítono que trabalhou exaustivamente o repertório de Schubert e que nos assombra com a sua colocação densa, austera sem ser violenta, apenas tensa, sempre usando a voz como coisa que se impõe, sem ligeireza, nunca com ligeireza. Fisher-Dieskau canta como se cantar tivesse de ser uma pressão medida, um esforço, ainda que dotado de beleza, mas nunca exactamente delicado e sempre inequivocamente um esforço. Tinha uma graça viril. Eu, como creio que todos os ouvintes das canções de Schubert, venero o senhor Fisher-Dieskau. Por outro lado, tenor, Ian Bostridge revê Schubert numa dolência aumentada, uma certa solenidade com maior compromisso, como se inevitavelmente se vulnerabilizasse ao que canta. Mantém uma austeridade bastante, uma virilidade bastante, mas compadece-se mais, como se revelasse melhor o desamparo de que fala o ciclo *Winterreise*. Como se pudesse também morrer aos trinta e um anos de idade, comovido pela tristeza. Eu, como creio que todos os ouvintes das canções de Schubert, venero o senhor Bostridge.

Ian Bostridge vem de publicar na Faber & Faber

um volume chamado *Schubert's Winter Journey - Anatomy of an Obsession*. São quase quinhentas páginas de maturação da experiência de ouvir e interpretar aquele ciclo de canções. A oportunidade é preciosíssima para que melômanos de todas as sensibilidades possam aceder à oficina intelectual e sentimental em torno da escolha de um repertório. Bostridge é de uma clarividência excepcional. Expõe-nos a sua visão da obra de Schubert com um rigor que apenas a paixão atinge, quero dizer, com uma coloração que apenas quem experimenta a paixão pode conceber.

O ciclo *Winterreise*, inicialmente de doze canções e, posteriormente, de vinte e quatro, tem por base uma série de poemas de Wilhelm Müller. Com um sujeito poético indefinido, sem um enredo propriamente dito, os textos são marcados por uma melancolia profunda, num sentido de desistência sem desespero, como uma reflexão frontal acerca do vazio e do abandono. Para Schubert, já adoentado, esta travessia do Inverno haveria de ser a entrada num tipo de canção até então desconhecida. Uma certa dolente beleza que se instala muito lentamente, como ele terá dito aos primeiros ouvintes e amigos: começariam por desgostar ou desentender, haveriam de aprender a amar. *Winterreise* é isso, um percurso de escuridão de onde apenas muito paulatinamente se destila o feixe de luz.

Sabemos bem como os grandes intérpretes precisam de estudar as peças para que lhes concedam profundidade e veracidade. O que acontece com Bostridge e o ciclo *Winterreise*, que interpreta há mais de trinta anos, é exemplo da força absoluta da arte. A reflexão, a implicação de cada coisa com a



Um tratado acerca do mais complexo capital de um cantor, a inteligência emocional que dota a interpretação de conteúdo

formação e com a personalidade, o modo como nenhum tempo é suficiente para a certeza mas apenas para a defesa de uma escolha, é-nos explicado endemicamente. A música, a poesia, o tempo e a expectativa pousam na nossa mão. Lemos como quem vê a música acontecer. Sentimentos convidados para uma terra de gigantes, onde os nomes evocados são já da mitologia do mundo.

Bostridge, cuja magistral interpretação de Schubert será a mais importante de entre todos os cantores vivos, usa o mesmo modo sincero no texto que lhe reconhecemos na voz. A erudição nunca

lhe retira a capacidade de acolher o leitor, acima de tudo integrando-o, como se pudesse mesmo explicar-se a quem nunca o ouviu ou a quem nunca ouviu Schubert. Este livro é um tratado acerca da disciplina de cantar. Não que aborde técnicas e outras habilidades para cuidar de notas ou timbres. Este é um tratado acerca do mais complexo capital de um cantor, a inteligência emocional que dota a interpretação de conteúdo. Passamos pelas palavras de Bostridge igual a quem assiste à explicação mais científica para o lado menos científico da vida. Somos expostos ao edifício mental e amoroso da arte. Um exuberante e sólido edifício.

DANIEL SAMPAIO PORQUE SIM



AS TEORIAS SOBRE A INDISCIPLINA

Retomo o interessante artigo de Filinto Lima, publicado neste jornal em 11/6, intitulado “Os alunos indisciplinados não gostam de teorias”. Tem toda a razão o autor. Depois de tantas teorias sobre a escola, as mudanças são insignificantes. Recordo o Liceu Pedro Nunes de há 50 anos, onde também havia indisciplina, mas em que o poder e o prestígio da maioria dos professores venciam as dificuldades. A verdade é que estávamos numa escola de elite e os casos sociais mais graves ou os alunos mais problemáticos não chegavam sequer a concluir o ensino primário.

A escola agora é para todos, pouquíssimos serão os jovens que pelo menos não a frequentaram durante algum tempo. Os professores já não são os mestres da minha juventude, em muitos casos procuram cumprir o melhor possível, mas na verdade gostariam de estar bem longe dali. Ao lado de estudantes com genuína vontade de aprender e gosto em continuar a estudar, existem alunos que estão lá por obrigação ou porque não arranjam melhor local para passar os dias. Junto a jovens com grandes capacidades, sobrevivem outros com dificuldades acentuadas, desde problemas de aprendizagem a questões psicossociais complexas, sobretudo familiares.

Filinto Lima defende, com toda a razão, maior envolvimento na educação dos filhos e fala de “fraco



Começamos pelo essencial: mudemos a maneira de ensinar, porque os alunos já alteraram o modo de aprender

é uma das maiores preocupações dos pais. O problema é que a escola actual pouco faz para envolver os pais no processo educativo: são raras as acções destinadas aos encarregados de educação fora da habitual reunião de fim de período e a medida mais eficaz para envolver os pais – tornar os alunos protagonistas de realizações no espaço escolar – só é posta em prática de vez em quando. São, na realidade, muito poucos os pais que não queiram ver o filho a representar uma peça, a jogar futebol num torneio bem organizado ou a ser o principal autor de uma exposição de artes plásticas...

comprometimento de quem é, em primeira instância, responsável pelo futuro das crianças”. Se bem que em certos casos se possa falar de afastamento dos pais, não devemos esquecer que, nos tempos de hoje, há muito maior cuidado parental, porque o futuro imprevisível para as crianças

A sala de aula permanece sem grandes mudanças: professores exaustos a tentar “controlar” a turma, alunos desatentos ou agressivos para com os docentes. Falta a pesquisa, o trabalho de grupo, a utilização da experiência de laboratório, as visitas de estudo a locais que tenham a ver com a vida dos estudantes de hoje. Os computadores, que a maioria dos estudantes utiliza em suas casas para contactar amigos ou para jogos electrónicos, são ainda uma raridade na sala de aula. Sobretudo, ainda ninguém parece ter interiorizado que os jovens de hoje não aprendem “de cima para baixo” (um “mestre” mais velho a debitar conhecimentos para os mais novos), mas aumentam os seus conhecimentos de forma horizontal, a partir de amigos e, sobretudo, tendo como ponto de partida a Internet.

Filinto Lima termina o seu artigo e afirma: “É obrigação de todos nós contribuir para o combate à indisciplina com medidas concretas.” Não posso estar mais de acordo, mas começemos pelo essencial: mudemos a maneira de ensinar, porque os alunos já alteraram o modo de aprender. Para isso, qualquer professor tem de ter como prioridade a educação (e não só a instrução); e para educar é preciso ter convicção e capacidade de escuta activa. No final deste ano lectivo, partamos para férias com a noção de que a mudança é cada vez mais urgente.

QUEM SE LEMBRA DO MENINO QUE SOPRAVA ESTRELAS?

Nos anos 1960 e 70, o centro de Lisboa estava cheio de anúncios luminosos, nos quais bolachas, bebidas e relógios dançavam e rodopiavam à nossa frente. Texto de Alexandra Prado Coelho e Ilustração de Mónica Cid



Houve um tempo em que, quando passávamos nas ruas à noite, desenhavam-se histórias no céu de Lisboa.

Havia uma carruagem que andava (seria a do Brandy Constantino?), um fumo reconfortante que subia de uma chávena (era o Ovomaltine, para beber quente ou frio), havia canetas que desenhavam traços ondulantes, chamadas que se acendiam (eram as do Gazcidla, “uma chama viva onde quer que viva”) e um homem de capa e espada (o Porto Borges Brande).

Não, não tenho uma boa memória, muito pelo contrário. Se consigo enumerar os “reclames luminosos” que enchiam os céus do Rossio, dos Restauradores, do Marquês de Pombal ou do Saldanha é graças a um blogue (cuja existência tem sido fundamental para estas crónicas), o Restos de Coleção. Foi aí que encontrei fotografias dessas publicidades, montadas no cimo dos edifícios, que estiveram na moda nas décadas de 1960 e 70.

Descobri depois, noutro blogue, o Estação Chronographica de Fernando Correia de Oliveira, que a moda já vinha de antes. O jornal *Sempre Fixe* de 1929 referia-se ao engenheiro José Carlos Santos

como “o homem que inundou Lisboa de reclames luminosos”, sobretudo “na Baixa e imediações” – reclames que transformaram a cidade num “pirilampo que não voa”.

Queixava-se o autor do pequeno texto: “– Fumem isto, comam aquilo, bebam aquel’outro... Cerveja estrela! Automóveis Citroën! Relógios Omega! Pílular Pink! Remédios para os calos! O Diabo! Há-os de todos os tamanhos e feitios. Uns que jogam às escondidas, outros que piscam o olho, outros que choram charutos, outros que andam à roda e até os há que vão andando e largando a sua laracha.”

Concedo até que a coisa pudesse ser excessiva. Aliás, nos postais coloridos dos anos 60 que Fernando Correia de Oliveira reproduz, o Rossio parece uma feira popular. Duvido que, com tanta luz a piscar e a retorcer-se no ar, alguém ainda olhasse os edifícios, notasse o Teatro Nacional ou apreciasse as fontes. Talvez, a certa altura, tudo isto resultasse apenas numa cacofonia de luzes, das quais, entre lâminas de barbear, marcas de relógios, *brandys* e bolachas, era impossível de retirar qualquer sentido.

Depois, de dia, com as luzes apagadas, os anún-

Nos postais coloridos dos anos 1960, o Rossio parece uma feira popular. Duvido que, com tanta luz a piscar e a retorcer-se no ar, alguém ainda olhasse os edifícios, notasse o Teatro Nacional ou as fontes

cios tornavam-se apenas feios emaranhados de estruturas metálicas que não se moviam e não contavam histórias. Ficavam ali como aranhaços inúteis em cima dos prédios.

Mesmo assim, tenho saudades de um “reclame luminoso” em particular. Procurei-o em vão pela Internet e não o encontrei. Julgo que ficava no Saldanha, no topo de um edifício que hoje já não existe, de frente para quem vinha da Av. Fontes Pereira de Melo. Eu passava por ali à noite, sentada no banco de trás de um carro, e ficava a olhar para o menino que soprava primeiro bolas e depois estrelas (ou seria ao contrário?).

Era – julho – um anúncio às “massas alimentícias” da Nacional. Durante toda a noite ele repetia-se com o mesmo ritmo, começando sempre tudo de novo Mas eu só tinha alguns segundos para o ver. O meu jogo era esperar que o carro atravessasse a praça a uma velocidade suficientemente lenta para eu ver as bolas e as estrelas e a história toda até ao fim.

Nos últimos dias perguntei a várias pessoas se se lembravam, mas nenhuma delas parece ter guardado memória desse anúncio. Apagou-se.

Ou nunca existiu?

EXPERIÊNCIA
COMPROVADA

COMPETITIVIDADE
GARANTIDA

— CONSTRUIR É O
NOSSO NEGÓCIO

— A CONSTRU É A NOVA
OFERTA DO GRUPO CASAIS
NO MERCADO DAS OBRAS
DE PEQUENA DIMENSÃO.

CONSTRU

BY GRUPO CASAIS

CONSTRUÇÃO
RENOVAÇÃO
CONSERVAÇÃO

www.constru.pt

info@constru.pt